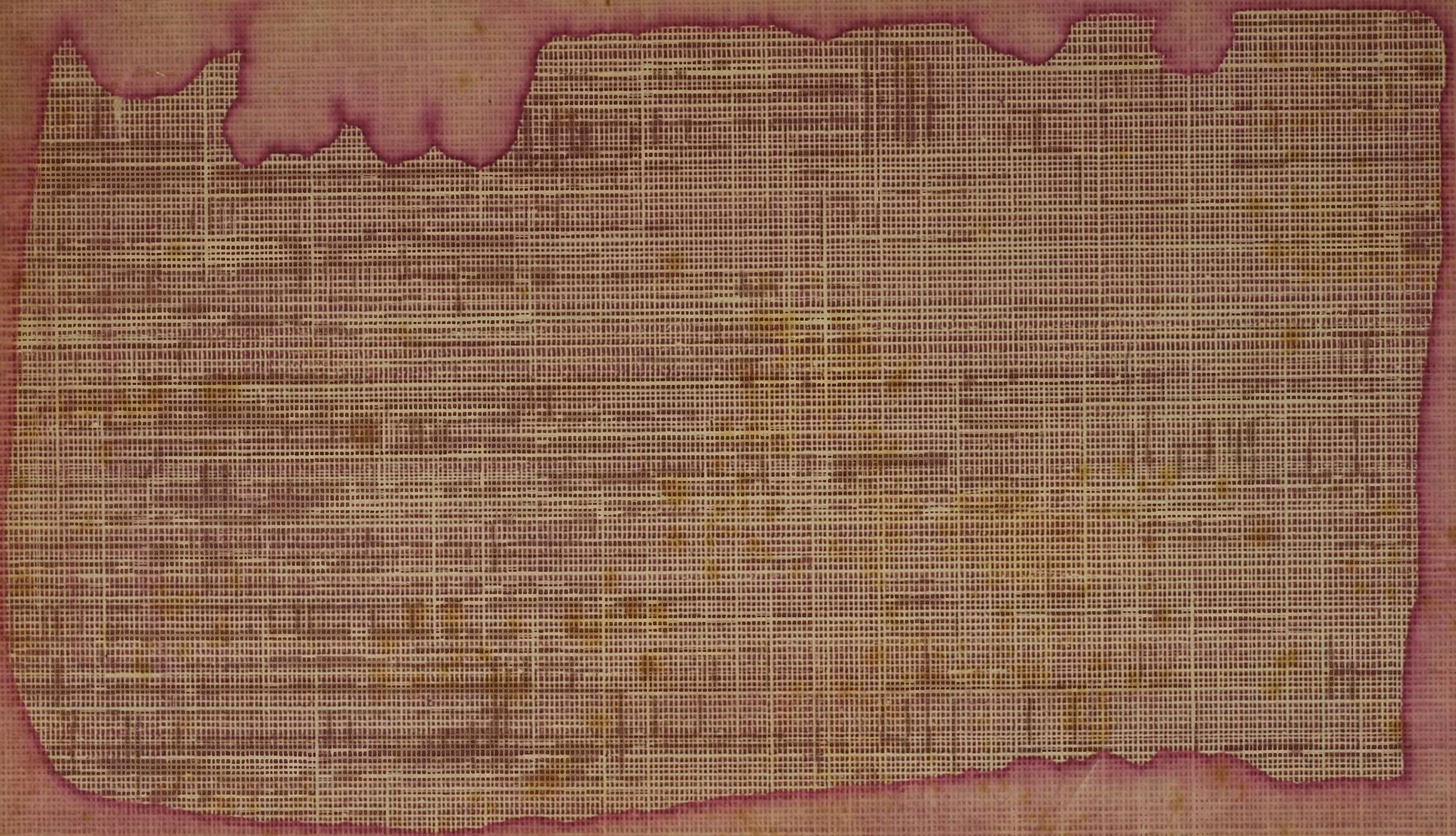
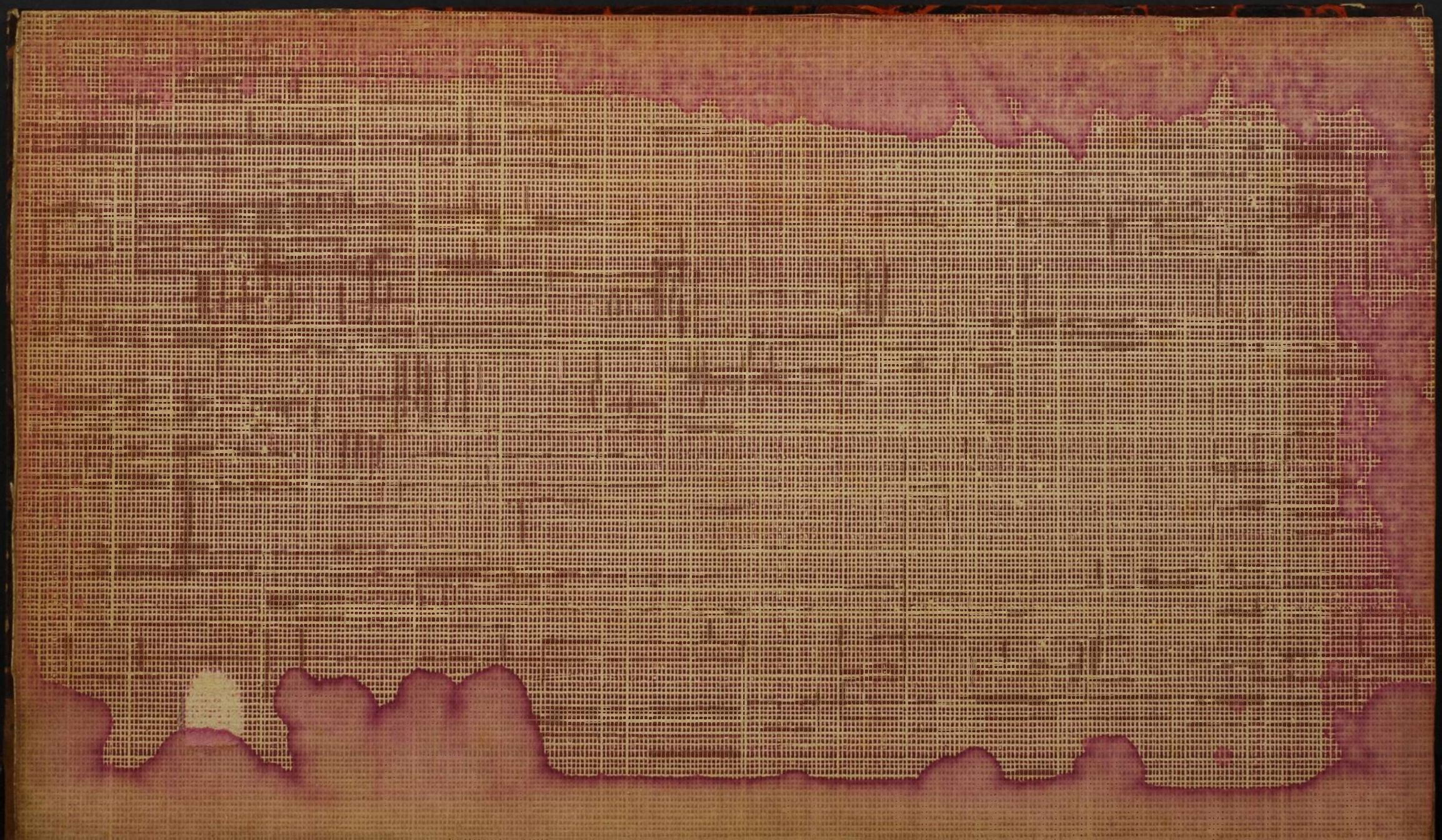




Gl 10/3

MEMÓRIAS

DO

ALMIRANTE BARÃO DE TEFFÉ

BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

MEMÓRIAS

DO

ALMIRANTE BARÃO DE TEFFÉ

A

BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

CONTADA Á FAMÍLIA EM CARTA ÍNTIMA
POUCOS DIAS DEPOIS D'ESSE FEITO

PELO

1º Tenente Antonio Luiz von HOONHOLTZ
(MAIS TARDE BARÃO DE TEFFÉ)

Junho de 1865



LIVRARIA GARNIER IRMÃOS

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1912

A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

DESCRIPTA POR UM DOS COMBATENTES

Carta intima escripta pelo 1º Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz, commandante da canhoneira Araguary, *a seu irmão Frederico José von Hoonholtz, residente no Rio de Janeiro.*



Benedicto Jorge Barreiros
São Paulo 13 de Dezembro 1912

MEMORIAS

DO

ALMIRANTE BARÃO DE TEFFÉ

A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

DESCRIPTA POR UM DOS COMBATENTES

Carta intima escripta pelo 1º Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz, commandante da canhoneira Araguary, *a seu irmão Frederico José von Hoonholtz, residente no Rio de Janeiro.*

Esquadra em operações contra o Paraguay.

Bordo da Canhoneira *Araguary* fundeada na *Cancha del Chimbolár* — 22 de Junho de 1865.

Meu querido Fritz

A 11 do corrente raiou afinal o dia por mim tão ardentemente desejado.

D'óra ávante não serei simplesmente um official patesca com honras de hydrographo.

Realisou-se o sonho qne eu sempre afagára em minha mente; já não cinjo uma espada vir-

gem ; o baptismo de fogo consagrou-me homem de guerra, e d'ora avante não é uma simples ficção o qualificativo de *official combalente* com que figuro no quadro da Armada.

. . . . . .

Não ponhas as mãos na cabeça pelo tom emphatico deste intróito — sabes que não está isto nos meus habitos — mas, meu querido irmão, sinto necessidade de um peito amigo para apertal-o em meus braços e nelle derramar as minhas impressões ; preciso encontrar uma alma aberta ao enthusiasmo patriotico e que partilhe commigo das emoções por que passei e das alegrias que me dominam neste momento.

Vou fallar-te com o coração nas mãos e em linguagem chã para que te identifiques commigo e ao finalisares a leitura desta carta te persuadas que ao meu lado tomaste parte nessa terrivel jornada.

. . . . . .

Quando o moroso carteiro urbano te entregar este volumoso enveloppe já terás ouvido na rua do Ouvidor os commentarios dos estrategistas de bórla e capello-sobre a mortifera batalhanaval de que me vou occupar ; mas ignorarás por certo os detalhes da acção.

Mesmo pelas partes officiaes pouco adiantarás ; esses documentos, em geral laconicos,

são por sua natureza frios e modelados em estylo convencional, e sobretudo estas, em obediencia á recommendação de Barroso: « Nada de circumloquios ; curto e resumido. »

Saberás naturalmente que a esquadra brazileira bateu-se com denodo ; que os inimigos eram muitos e valentes, guarnecendo uma esquadra de 14 unidades das quaes 8 vapores de guerra e 6 baterias fluctuantes guarnecidas de canhões de calibres 68 e 80.

Talvez saibas tambem que essa esquadra paraguaya trazia, alem das guarnições completas, um reforço de mil e tantos homens escolhidos para a abordagem, e, como sobresalentes, possantes *viradores* destinados ao rebóque das presas !

Terás lido nos boletins distribuidos pelas folhas da tarde, que a acção durou 9 horas sem mudar de scenario, sempre desenrolando-se pertinaz e sangrenta no mesmo trecho do rio Paraná, na curva pronunciada onde desagua um insignificante riacho sem nome — El Riachuelo — ladeado de barrancas inçadas de canhões e de estativas de foguetes á Congrève secundadas por infindas linhas de atiradores, tudo isto mascarado pela matta ou occulto em vallas parallelas á margem...

Tudo isto, repito eu, será velho para ti quando

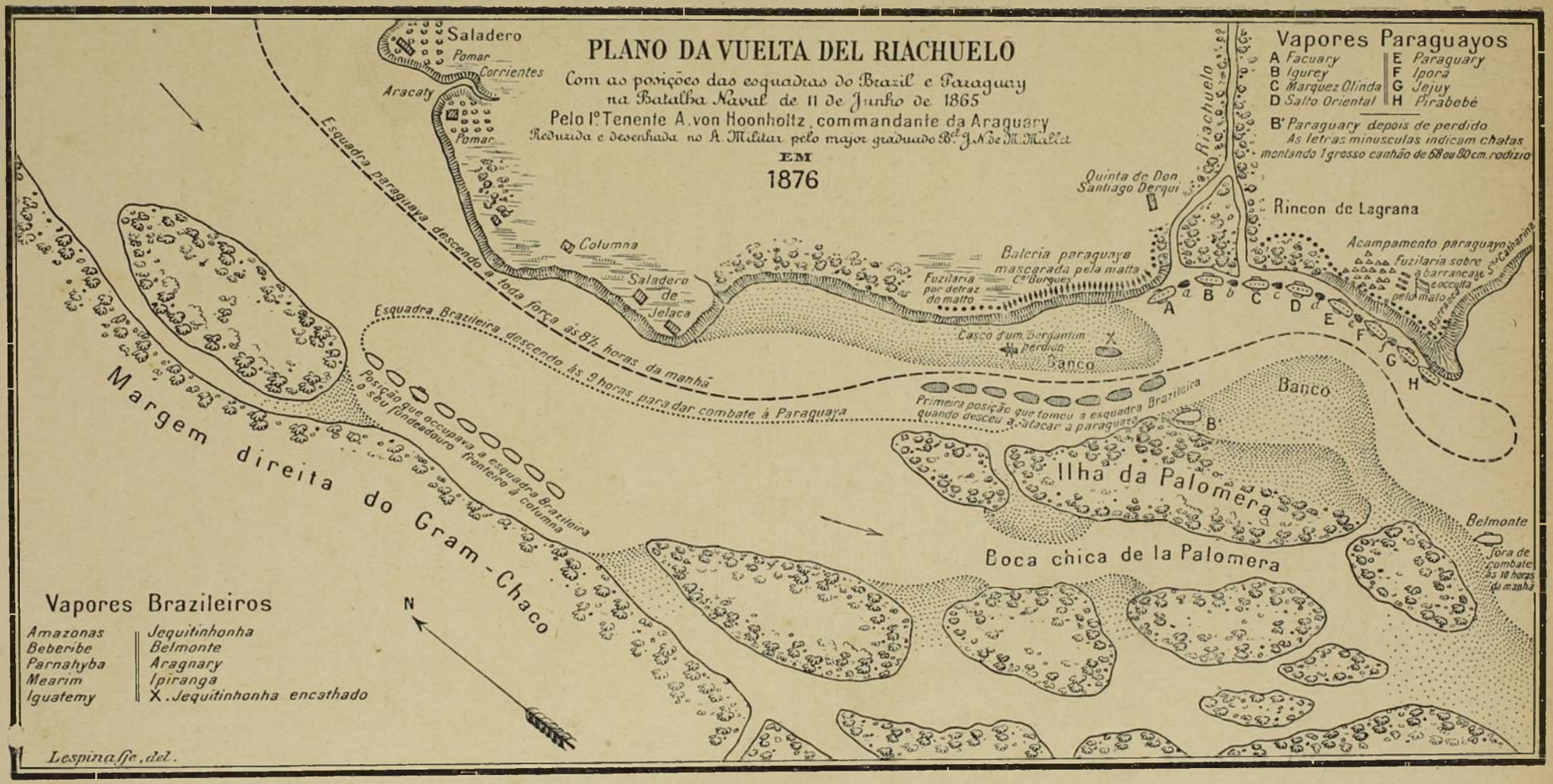
te chegar á casa este relatorio, porem o que de ninguem terás ouvido é justamente o principal, o mais interressante, isto é a descripção circumstanciada da acção desde o começo.

Eis o que vou tentar nesta carta, si a tanto me ajudar engenho e arte, como disse outr'ora o poeta caôlho.

Bem te dizia eu antes de partir do Rio que ouvirias fallar na minha gentil *Araguary* ; e nem podia deixar de ser assim tratando-se dessa *leléa*, d'um navio tão elegante, tão garboso como sua joven officialidade, para quem a bandeira é um culto e o patriotismo o mais sagrado dos seus sentimentos.

Da guarnição tiveste occasião de apreciar o enthusiasmo naquelle exercicio geral a que assististe na vespera de minha sahida, e a seu respeito confirmo agora a opinião emittida : — « Confio nos meus homens como elles confiam em mim ; em dous annos de commando fiz um amigo em cada um de meus commandados. »

Começarei agora por descrever o scenario, do qual, para não renegar meu officio de hydrogra-


PLANO DA VUELTA DEL RIACHUELO
Com as posições das esquadras do Brazil e Paraguary
na Batalha Naval de 11 de Junho de 1865
Pelo 1º Tenente A. von Hoonholtz, commandante da Araguary
Reduzida e desenhada no A. Militar pelo major graduado Bel J. N de M. Mallet
EM
1876
Vapores Paraguayos
A Facuary
B Iguirey
C Marquez Olinda
D Salto Oriental
E Paraguary
F Ipora
G Jejuy
H Pirabebé
B' Paraguary depois de perdido
As letras minusculas indicam chatas
montando 1 grosso canhão de 68 ou 80 cm. rodizio
Saladero
Pomar
Corrientes
Aracaty
Pomar
Esquadra paraguaya descendo a toda força ás 8½ horas da manhã
Columna
Saladero de Jelaca
Quinta de Don Santiago Derqui
Riachuelo
Rincon de Lagrana
Bateria paraguaya mascarada pela matta
Fuzilaria por detraz do matto
Acampamento paraguayo
Fuzilaria sobre a barrancaga e occulta pelo mato
Esquadra Brazileira descendo ás 9 horas para dar combate á Paraguaya
Casco d'um Bergantim perdido
Banco
Primeira posição que tomou a esquadra Brazileira quando desceu a atacar a paraguaya
Posição que occupava a esquadra Brazileira o seu fundeadouro fronteiro á Columna
Margem direita do Gram-Chaco
Ilha da Palomera
Boca chica de la Palomera
Belmonte
fóra de combate ás 10 horas da manhã
Vapores Brazileiros
Amazonas
Beberibe
Parnahyba
Mearim
Iguatemy
Jequitinhonha
Belmonte
Aragnary
Ipiranga
X. Jequitinhonha encathado
N
Lespinasse, del.

pho, levantei uma planta, que hontem offereci ao Chefe Barroso como complemento á minha parte official e ahi te mando uma copia.

A cidade (Argentina) de *Corrientes* é situada, como vês, na margem esquerda do rio Paraná (á direita da planta), sendo a margem fronteira (o Chaco) deshabitada e coberta de bosque e de alagadiços.

Ora, como deves saber, os paraguayos estavam ha muito de posse dessa cidade Argentina, de onde, a 25 de Maio ultimo haviam sido desalojados e varridos para o interior pela artilheria da esquadra brazileira que protegeu as forças alliadas de desembarque.

O General argentino Paunero e o Tenente brazileiro Tiburcio com o maior denodo rechassaram para fóra da cidade as forças de occupação, bivoacando nos seus abarracamentos ; mas no dia seguinte Paunero comprehendeu que sua situação seria insustentavel logo que o grosso do exercito de Robles o obrigasse á triste condição de não se afastar da margem, onde somente estaria seguro sob a protecção dos nossos canhões.

Resolveu pois reembarcar com a sua tropa nos transportes *Pavon* e *Pampero* e regressar rio abaixo para Goya ou Esquina, comboiado pela canhoneira *Itajahy*, que por esta razão não teve a fortuna de tomar parte na batalha do dia 11.

Por sua vez o Chefe Barroso, cuja missão era bloquear o rio, entendeu mais vantajoso aos exercicios da esquadra o amplo fundeadouro que se offerecia do lado do Chaco, um pouco abaixo de Corrientes e fronteiro aos laranjaes por detraz dos quaes apparecia um monumento denominado simplesmente — La Columna.

O Paraná ahi é largo e corre por algumas milhas na direcção mais ou menos Norte-Súl e depois Noroeste-Sueste com pequenas reintrancias e saliencias do lado Correntino, sendo essa margem formada mais abaixo por barrancas cobertas d'espesso arvoredo. (Veja a planta).

No ponto em que o rio mais se estreita, entre o grupo de ilhas (Las Palomeras) e a Punta de Santa Catalina, a alta barranca deste nome é separada da que vem de Corrientes por uma quebrada em que serpeia um riacho — *El Riachuelo*.

Foi neste trecho de difficil navegação ; num canal tortuoso, entre dous bancos perigosissimos, que nos batemos um dia inteiro em continuas evoluções.

Consulta a planta e verás claramente as respectivas posições dos belligerantes durante o mais forte da acção.

Mas ; torno ao principio.

Como referi acima, Paunero só passou uma noite em terra e com elle estive na Capitania del Puerto até de madrugada em companhia do Chefe da minha Divisão, Segundino Gomensoro, ambos muito empenhedos em interrogar não só aos prisioneiros como os Correntinos que se haviam animado a apresentar-se aos alliados, cuja permanencia alli elles bem sabiam que seria ephemera.

Os boatos que espalharam eram atterradores· Contaram que Lopes, alem da esquadra que desde muito preparava, reforçada ultimamente pelo *Paraguary*, construido na Inglaterra como os demais, e ainda pelo *Marquez de Olinda* (nosso) e pelos dous vapores de guerra tomados aos Argentinos em Abril-o *Gualeguay* e o 25 *de Mayo* — fizéra construir em segredo varias baterias fluctuantes *blindadas* e *dous formidaveis couraçados*, todos armados com os maiores canhões da America !

Accrescentaram os novellistas Correntinos e os prisioneiros paraguayos, que em *Assuncion* as officinas de construcção dirigidas por inglezes operavam milagres, e que em *Humaylá* os artilheiros eram todos extrangeiros.

Tudo isto era bem possivel pois que o Brazil desde a celebre expedição Pedro Ferreira, em

1855, nunca mais se occupára desses pessimos visinhos ; mas felizmente taes noticias longe de nos entibiar o animo serviram ao contrario para tornar mais ardente o nosso desejo de enfrental-os.

Bater um inimigo fraco não nos traria gloria nem honra.

Estavamos preparados ; a demorada viagem da nossa esquadra (cerca de dous mezes desde Buenos Aires) tivera a vantagem de familiarisar-nos com as evoluções em rio e dar-nos ensejo de bem exercitar as nossas tripulações.

Effectivamente cada commandante procurava sobresahir ao outro na melhor distribuição do seu pessoal, na disciplina de bordo e na pericia de seus artilheiros ; ao passo que os officiaes timbravam na manobra rapida dos grossos canhões e na pratica de estimar as distancias para as pontarias.

Na terrivel monotonia dessa vida de bordo, comendo mal, bebendo uma agua impossivel e martyrisado dia e noite pelos mosquitos, nada me era mais agradavel do que a diversão que me proporcionavam os multiplos exercicios quotidianos de combates simulados figurando todas as hypotheses, inclusive a abordagem e o incendio.

Quando, após tres ou quatro horas desse fati-

gante *entraînement*, satisfeito pela promptidão dos movimentos e pelo enthusiasmo com que minha guarnição acudia rapida e alegre aos seus póstos de combate e desempenhava-se de seus deveres, eu reunia na tolda o meu Estado-Maior, a minha phrase predilecta era sempre esta :

« — Pena seria si os paraguayos não viessem ao nosso encontro ! — »

Eis em duas palavras a disposição d'espirito que presidia ao moral de nossas forças em geral.

O dia 11 de Junho, que era domingo da Trindade, amanheceu fresco, sereno e illuminado por um sól brilhante a resplandecer n'um céo sem nuvens.

Como de costume, terminada a baldeação preparava-se o navio para a mostra geral que eu devia passar depois do almoço da guarnição.

Por minha parte, tomado o banho frio da manhã e depois de feita a toilette domingueira, saboreava eu na camara a canequinha de café, quando subito o Guarda-Marinha Rodrigo de Lamare, que estava de quarto, gritou-me, abrindo a *gayúta* — « Commandante, o navio da vanguarda faz signal de inimigo á vista ! »

« Mande tocar a póstos ! » respondi, e engolindo o ultimo trago do meu café galguei a escada e em dous tempos atravessei a tolda e trepei ao passadiço, meu posto de commando.

Os tambores rufavam, os clarins soavam clangorósos em toda a esquadra e os apitos trilavam chamando cada um para seu lugar de combate.

O Immediato Eduardo de Oliveira na prôa, mettia já a amarra dentro a põr o ferro a pique ; o Meunier e o Castro Menezes faziam abrir as portinholas e põr os rodisios de 68 em bateria, o de Lamare passava revista ás peças de 32 e ás de campanha para entregal-as aos Tenentes do Exercito Erasmo e Bion e vir depois postar-se na escada do passadiço ás minhas ordens ; o Dr. Soares Pinto correra para a enfermaria ; o Commissario Manoel Candido e o Escrivão Creoncides para os paióes da polvora e das bombas ; o Machinista Walker e seus auxiliares preparavam a machina ; o Guardião Antonio de Souza postára-se ao leme com mais dous timoneiros, e o Pratico Montóvia a sotavento, sobre uma saliencia preparada *ad hoc* no costado, em completo abrigo, e de onde via o homem do leme e era visto por mim.

O Tenente Sá com o seu contingente de officiaes e praças do 9º Batalhão tomára logo posi-

ção ao longo da amurada de Estibordo em linha de atiradores.

Emfim, durante 10 minutos foi um *fervet opus* como nos exercicios costumados ; porem desta vez a chamada a póstos era *pour de bon.*

Emquanto isto se passava na tolda e nos paióes, sahia o bom carvão das carvoeiras para substituir a lenha verde do Chaco, e logo rapidamente a pressão subia nas caldeiras.

Soavam 8 $^1/_2$ da manhã quando lá em cima surgira, por detráz do basto arvoredo da ponta do *Chaco* fronteira á cidade de Corrientes, o primeiro vapor inimigo.

A rebóque trazia uma embarcação de forma indefinida ; parecia nessa distancia, mesmo com o auxilio do oculo de alcance, uma longa prancha sobre a qual formigava uma multidão em movimento.

Depois, segundo vapor, maior e de dous canos, puxando identico reboque, emergiu do mattagal da ponta do Chaco e navegando nas aguas do primeiro seguiu da esquerda para a direita a demandar a curva que forma o porto da cidade de Corrientes.

A medida que os primeiros desappareciam encobertos pela ponta da margem opposta que

se extende ao súl da dita cidade, outros vapores inimigos se iam projectando na curva longinqua do rio.

Contei 8 bons vapores e 6 baterias fluctuantes.

Os vapores pareciam mais alterósos do que eram na realidade, como depois verifiquei, e a razão era a seguinte : trepados sobre a borda de Estibordo, traziam, formados em fila, os soldados escolhidos e destinados á abordagem !...

Essa fila unida de homens de calça branca e blusa vermelha affigurava-se-me, de longe, a uma pintura da parte superior do casco, em duas fachas ou bandas longitudinaes, uma branca e outra encarnada !...

Mas era gente !

Pobres victimas que inconscientemente se exhibiam como um bello alvo para os nossos atiradores...

Solano Lopes ao ordenar essa ostentação de forças, sem duvida no intuito de nos amedrontar, não conhecia ainda o effeito da metralha.

Como vais vêr, esses coitados representaram desde o começo da acção o triste papel de *chair à canon* !...

Ao vêr a esquadra inimiga navegando em direcção a Corrientes e ahi desapparecer, suppuz

que *Mezza* pretendesse esperar-nos nesse ancoradouro ; entretanto comprehendi mais tarde que a manobra tivéra por fim diminuir as distancias e regularisar a marcha das diversas unidades, pois quando os inimigos appareceram de novo dobrando a ponta que os occultava (da margem correntina) formavam uma fila cerrada.

« Tanto melhor, pensei eu, nenhuma das nossas balas será perdida... »

Com effeito, apenas o primeiro desses bellicósos visitantes despontou fóra da dita ponta lógo a *Belmonte*, nossa testa de columna, saudou-o com uma melancia de ferro que lhe devia ter produzido effeito desagradavel, pois que, contestando-o incontinenti, deu ao mesmo tempo toda a força á machina e desceu pelo canal de Leste.

Os demais navios e chatas, que velozmente o seguiam, responderam aos nossos canhões não só com a grossa artilheria de que estavam armados como com a *fuzilaria* que não nos alcançava !

Excusado é dizer-te que os canhões brazileiros mostraram para o que prestavam.

Felizmente para os paraguayos a passagem aguas abaixo não durou muito, e embóra tivessem descarregado todas as suas peças sobre

as nossas nove unidades, comtudo, acossados pelas bombas e balas razas dos nossos rodizios que pelo seu grande alcance os acompanharam até desapparecerem atráz das ilhas Palomeras, a mortandade fôra enorme (segundo contam os prisioneiros) e já as avarias eram consideraveis quando transpuzeram a Punta Santa Catalina e se occultaram ás nossas vistas.

Ao vel-os desapparecer fiquei intrigado.

Que manobra seria essa ?

Teriam fugido ?

Ou seria o plano de *Mezza* romper o bloqueio, e, confiado na boa marcha da sua esquadra, descer rapidamente com o fim audacioso de bombardear Buenos Aires, ou apoderar-se de Montevideo, onde contava o auxilio poderoso dos Blancos ?...

Esta foi a primeira idéa que me acudiu.

Neste interim o Chefe fez signal de suspender.

Arrancamos a ancora, aboçamol-a, e pairavamos aguentando a quarto de força, quando de novo percebemos os rôlos de fumaça negra por cima da matta espessa das ilhas que da ponta inferior do Chaco avançam para Leste em direcção á citada Punta de Santa Catalina.

Emfim, mostraram-se de novo os inimigos a umas 4 milhas de distancia, e desta vez aprôados aguas arriba.

Que allivio !

Imagina, se tivessem escapado aguas abaixo, o terrivel *steeple chase* que se estabeleceria !

E si não os apanhassemos em caminho, que vergonha das vergonhas !

Nem quero pensar em tal...

Não fugiam, pois ; ao contrario, subiam a bater-nos...

Mas, longe de fazerem rumo para a larga cancha que occupavamos, vi com extranhesa que contornavam a Vuelta del Riachuelo (situada, como disse, a 4 milhas abaixo da nossa esquadra —), e ahi foram tomando posição em uma longa fila que se ia arrimando á barranca coberta de espessa matta da margem correntina.

A passagem aguas abaixo fôra apenas o prologo deste drama sensacional, e, como eu de óculo em punho explorava attentamente o scenario antes de pisar no palco, vou te explicar o que vi e o que me descreveu o pratico, que eu chamára para o passadiço emquanto não recomeçava o fôgo.

. . . . . .

Entre parenthesis : Todos os nossos praticos são extrangeiros e entretanto muitos portaram-se divinamente.

Como sabes, eu no Rio de Janeiro fiz questão de não trazer a bordo senão brasileiros, e ape-

sar disso tive de fazer duas excepções : em favor do 1º Machinista Walker, inglez envelhecido no serviço da nossa marinha, e do Mestre Bernardo, official marinheiro portuguez de comportamento exemplar, os quaes fizeram questão de acompanhar-me e me tem prestado grandes serviços.

Quando porem em Buenos Aires me impuzeram um pratico extrangeiro, revoltei-me.

Entregar a navegação do meu navio a um mestre de *golêla*, carregador de matte e laranjas do Paraguay, era duro para um commandante que subia a bater os seus fregueses...

Mas que fazer si esses gringos são os unicos vaqueanos do extenso rio Paraná !

Acceitei pois o Pratico *Monlóvia*, typo rude e antipathico que logo no primeiro mez de viagem pregou-me uma peça formidavel.

Vem a pello contar-te este caso.

A 27 de Abril, depois de haver cumprido uma orden do Chefe Segundino — que me incumbira de esperar em *La Paz* e tomar a meu bordo um emissario do General Cáceres — navegava eu a toda a força para reunir-me á divisão da Vanguarda, quando notei com desagrado que o Pratico no passadiço travára animada conversação com um gaúcho, ordenança desse meu passageiro.

Approximando-me do grupo, percebi que o cavalleriano tratava da tal phantastica esquadra de Solano Lopes ; porem logo calou-se, e desceu do passadiço deixando o interlocutor visivelmente preoccupado.

O dia estava esplendido, nem uma nuvem, nem uma ruga na superficie espelhada do rio.

De repente, um chóque deteve a marcha trepidante da Araguary...

— « Pára a machina !... gritei para baixo...

« Atráz !... Atráz a toda a força !... »

. . . . . .

Inutil... Tudo em vão !... A Araguary encalhára estupidamente sobre um extenso banco de areia cujos contórnos não podiam ter escapado a um vaqueano.

Para desencalhal-a passei pelos transes mais afflictivos e a minha guarnição estafou-se durante *onze dias* em verdadeiros trabalhos de Hercules.

Attende sómente a isto :

Em roda do navio amontoou-se a areia, sendo preciso cavar á enxada e á pá, para que podessem atracar duas golêtas (sumacas) que detive na passagem e que mediante boa remuneração se prestaram a receber a bordo não só o carvão, os mantimentos e sobresalentes, como toda a minha grôssa artilheria !

Em outra carta te contarei por miúdo os episodios que se deram a bordo nessa malaventurada viagem até de novo reunir-me á esquadra.

Quando me vi, a 9 de Maio, livre do maldito banco, dei primeiro graças á Deus, e depois mandei formar a guarnição na tolda, e, em presença dos officiaes, fiz comparecer o culpado (o Pratico) a quem dirigi em tom severo as seguintes palavras : « Usted ao engajar-se apresentou carta de *vaqueano* de todo o rio Paraná e acompanhou-a de attestados comprovantes de sua pericia.

« Considéro pois esta encalhadéla em pleno dia como proposital e portanto um acto de traição !

« Não lhe inflijo por esta vez o castigo que merece, mas previno-o e grave isto na memoria — que si por culpa sua a canhoneira do meu commando encalhar quando tivermos o inimigo á vista, acto continuo mandarei fuzilal-o ! »

. . . . . .

Bem comprehendes que eu não faria isso; porem attendendo ás circumstancias do momento, aos enormes prejuisos causados aos cofres brazileiros, e á má vontade que lhe votava toda a guarnição, elle, — de tudo causador — não podia duvidar da realisação dessa ameaça.

Hoje está provado que o effeito desta solemne intimação foi magnifico.

Durante horas seguidas, debaixo de um chuveiro de balas, serpeei no dia 11 em constantes evoluções por estreitos canaes, a tangenciar as orillas dos bancos mais perigósos, e nem de leve nelles rocei !

. . . . . .

É este o pratico a quem me refiro acima, e por elle fui informado de que — alem do extenso baixio de areia muito conhecido que divide esta cancha em dous canaes,um que margêa a cósta correntina e por onde desceu *Mezza* e o outro mais largo, onde estavamos a pairar, — ha mais abaixo os bancos que se extendem do *Chaco* para Leste até muito fóra da ilha grande da Palomera.

Em frente, na margem opposta existe o mais perigoso de todos estes bancos, o qual começa na bocca del Riachuelo e termina na Punta de *Jaláca*.

Sobre este baixio ostenta-se ainda parte da carcassa de um bergantim que encalhára por faltar-lhe o vento e ficára logo areiado.

Explicou-me ainda o vaqueano (Pratico) as marcas para a passagem entre o banco da Palomera e a Punta Santa Catalina, abaixo da qual abre-se, franca, a Cancha do Rincon de Lagraña,

onde a nossa esquadra teria lazer para evoluir sem risco algum.

O inimigo tinha effectivamente descido até ahi, entretanto longe de nos esperar nessa vasta arena voltára a transpôr o máo passo e fóra encostar-se á terra, na curva del Riachuelo, em posição apparentemente desvantajosa, pois immobilisava-se.

Como explicar essa tactica *sui generis* ?

. . . . . .

Quando o Amazonas içou o signal — *Bater o inimigo o mais proximo que cada um pudér* — mandei o Pratico para seu posto de combate — um abrigo seguro preparado de antemão em cada lado do costado e onde elle ficaria sempre no bórdo opposto ao fogo do inimigo — mas sob as minhas vistas, bem entendido, pois que do passadiço eu dominava todo o navio.

. . . . . .

A Belmonte, sendo a testa da columna, virou logo aguas abaixo.

A tactica a seguir era intuitiva e tão simples que não necessitava de mais signal algum : *virar por contra-marcha* guardando as distancias ; *passar a quarto de força* diante do inimigo, batendo-o com a artilheria conteirada a bombordo e com a fúzilaria resguardada pela amurada e postada nos cestos de gávea, até a ponta

de Santa Catalina. Alcançada a cancha virar de novo por contra-marcha, e assim, aprõando á corrente, avançar a toda a força rio acima senhores de nossos movimentos e podendo emparelhar-nos com a esquadra inimiga e batel-a, desta vez com todo o nosso poder offensivo funccionando a Estibordo.

Os navios aprõados á corrente, avançariam ou deixar-se — hiam cahir a ré segundo a conveniencia de cada um, e desta forma, em menos de uma hora liquidariamos o inimigo que voluntariamente se immobilisára.

Esta era a minha firme convicção ao dar ordem á machina para seguir ávante.

Como disse, a Belmonte virou aguas abaixo ; seguiu-a o Jequitinhonha (Commandante Pinto) tendo a tremular no tópe o pavilhão do Chefe Segundino.

Por sua vez virou a Parnahyba (Commandante Garcindo) ; seguindo-se na ordem em que estavamos : a Iguatemy (Commandante Coimbra) ; o Beberibe (Commandante Bonifacio) ; a Mearim (Commandante Elisiario Barbosa) ; o Ypiranga (Commandante Alvaro de Carvalho), e a Araguary, do meu commando, na cauda da linha por ser eu o mais moço e o mais moderno em patente.

O Amazonas (Commandante Britto) que

arvóra o pavilhão do Chefe Barroso, não virou aguas abaixo ; conservou-se onde estava, pairando sobre rodas para assistir ao desfilar dos seus commandados, tendo nessa occasião substituido o signal anterior pelo mais expressivo do nosso velho Regimento : « *o Brazil espera que cada um cumpra o seu dever* — ».

A volta era feita contornando o navio chefe, de modo que depois de subirmos até elle, desciamos em linha de combate e na melhor ordem.

Quando a Belmonte (Commandante Abreu) investiu o canal da Palomera faiscou de repente atravéz do matto da barranca um relampago... e outro, e mais outro, acompanhados do imponente ribombo do canhão.

Uma bateria *que ninguem suspeitava* desmascarou-se furiosa em toda a extensão da curva até a bocca do Riachuelo, onde emendava com a linha das 14 unidades da esquadra de *Mezza*, ainda secundada pela fuzilaria e pelos foguetes a Congrève do alto da Punta de Santa Catalina !...

O Jequitinhonha, navio chefe da vanguarda, vendo isto virou outra vez aguas arriba sem duvida para tomar posição com a sua Divisão justamente pelo travéz do inimigo ; e assim entendemos todos, pois que a Parnahyba imitou-o, e todos os demais navios excutaram a

mesma manobra, sempre por contra-marcha afim de evitar confusão e abalroamentos.

A Belmonte que navegava na vanguarda não se apercebeu dessa manobra e continuou a descer a toda a força, mesmo porque, engajada n'aquelle canal estreito, não podia proceder de outra forma. Supportou pois sosinha o primeiro fogo de *Bruguez* e de *Mezza*, mas o grosso da nossa esquadra não se fez esperar e entrou logo em acção, como vais vêr.

Si o Jequitinhonha, que tomára posição acima do casco do Bergantim (consulta a planta) ficára ao alcance da bateria, imagina a posição critica e arriscada em que ficou a minha *Araguary*, ultima da linha e por conseguinte a primeira de baixo para cima pela inversão da ordem de marcha !...

Este acto de Gomensoro tem sido muito censurado, porem é minha opinião que nesta evolução elle não fez mais do que cumprir a ordem — Bater o inimigo o mais proximo que cada um pudér —.

Ficamos, na verdade (isto é, as ultimas canhoneiras), a tiro de fuzil do inimigo, dando-lhe a vantagem pelo numero de boccas de fogo e não tirando nenhuma do grande alcance de nossos rodisios, porem esse erro não deve pesar sobre seus hombros...

Só o que te digo é que com tal manobra vi-me durante cerca de duas horas mettido nas profundas do inferno, tal o fogo e o horroroso trôar dos canhões, acompanhado pelo berreiro dos paraguayos que se batiam debaixo de gritos e alaridos como que para se encorajarem mutuamente ou para amedrontar-nos.

Nunca vi cousa assim !

Tive bem occasião de apreciar sons eólios que nunca ouviste : as balas de artilheria produzem ao passar, não um silvo, mas um som plangente semelhante ao uivar do cão ; menos as que rastejam pela gente, pois estas urram como touros bravios.

. . . . . .

A esta hora em que te escrevo-não existe mais esquadra inimiga ; os paraguayos, na phrase pittoresca de Klebér, foram — *battus à plate coulure* — mas honra lhes seja feita : sustentaram o combate até que cessou por falta de combatentes.

Como as apparencias enganam !

Confesso-te que somente ao tomar essa posição *vis-a-vis* do Riachuelo achei explicação para aquella tactica que me pareceu estupida e que fôra entretanto um magnifico estratagema de *Mezza* para nos attrahir ao centro dessa voragem...

Quando ás 9 horas, depois do primeiro embate, os vi desapparecer aguas abaixo suppuz que fugiam...

Vendo-os subir de novo para se amarrarem ás barrancas do Riachuelo, renunciando *de motu-proprio* á immensa vantagem dos movimentos livres, lastimei-os...

Entretanto ao desmascarar-se aquella formidavel bateria ; ao vêr por detráz da matta relampear o canhão, esfusiar o foguete a Congreve e crepitar a fuzilaria... admirei-os !

Tive a sensação de um cégo a quem de repente arrancassem as cataractas !

Tinhamos cahido n'uma emboscada, prévia e habilmente preparada...

. . . . . .

A Belmonte, arrombada ao lume d'agua pela bomba de uma, chata não poude mais reunir-se a nós e para não ir a pique teve de procurar a salvação n'um banco junto á ilha Cabral.

Assim pois desde 10 horas da manhã a nossa linha de batalha ficou reduzida a *oito unidades*, contra as *quatorze* de *Mezza*, apoiadas nas *trinta peças* de *Bruguez* e na numerosa infanteria de *Robles*.

A artilheria troava sem cessar de parte a parte, e ás vezes era tal o ribombar dos canhões e o estourar das bombas que nem com o porta-

voz eu podia fazer-me ouvir, sendo necessario mandar minhas ordens á prôa e a ré por intermedio do Guarda-Marinha Rodrigo de Lamare, cujo posto era junto á escada do passadiço.

A luta era evidentemente desigual e nós ficariamos sem duvida de máo partido si a maior parte dos projectis inimigos não se perdessem na Palomera.

Com effeito, os famosos artilheiros de *Bruguez*, ou pela altura da barranca, ou por que estivessem sendo dizimados pelos estilhaços de nossas bombas e pelas estilhas do arvoredo que os abrigava, mostraram-se imperitos no seu officio.

Entretanto era visivel o destroço que nosso fogo produzia, quer na esquadra, quer na bateria onde nenhum tiro se perdia.

A nossa metralha varria o convéz dos navios mais proximos, nos quaes cada bala rasa abria um rombo ; ao passo que na barranca os nossos projectis abriam claros na matta levando de rojo as arvores e até canhões....

O arvoredo que os mascarava e que devia amparal-os tornára-se um instrumento de destruição pois cada arvore attingida fazia o effeito de uma terrivel catapulta, arrazando tudo quanto encontrava em caminho.

Durante cerca de duas horas bombardeamo-

nos mutuamente com furor ; nós brazileiros no intuito de desalojar *Mezza* dessa fortissima posição, e os paraguayos na esperança de nos metterem a pique.

Por volta do meio dia e quando eu já tinha quatro homens fóra de combate e uma porção de rombos no liso costado da *Araguary*, vi que lá em cima o *Amazonas* passára á falla do *Jequitinhonha* e virára aguas abaixo.

Palavra de honra que já não era sem tempo essa manobra, porisso que até então as pequenas canhoneiras supportavam todo o fogo convergente do inimigo, emquanto as mais poderosas unidades se batiam quasi fóra do raio de acção.

Não te posso occultar a extranhesa que me suggeriu tal facto...

Assim pois, quando vi o Amazonas descer majestosamente entre a nossa linha e a inimiga expandiu-se-me a alma ; e, quando, ao approximar-se descobri sobre o passadiço a figura de *Barroso*, erecto, impassivel sob aquella saraivada de projectis, de porta-voz em punho e acofiando com a mão esquerda a longa barba branca que fluctuava ao vento... senti pela primeira vez enthusiasmo por esse Chefe brusco e pouco communicativo que nunca me inspirára, nem sympathia, nem confiança.

Em cartas anteriores te puz a par da incompatibilidade de nossos genios e dos attritos dos quaes se originára a nossa mutua antipathia, o que me levára a não me approximar delle senão quando a isso era obrigado por assumptos de serviço militar.

N'esse momento, porem, ao vêl-o affrontar com esse ar sobranceiro o ambiente de morte em que nos debatiamos, não me pude conter, e ao passar o Amazonas rente ao meu navio alcei o meu bonet bradando com toda a força dos meus pulmões :

— Viva o Chefe Barroso ! —

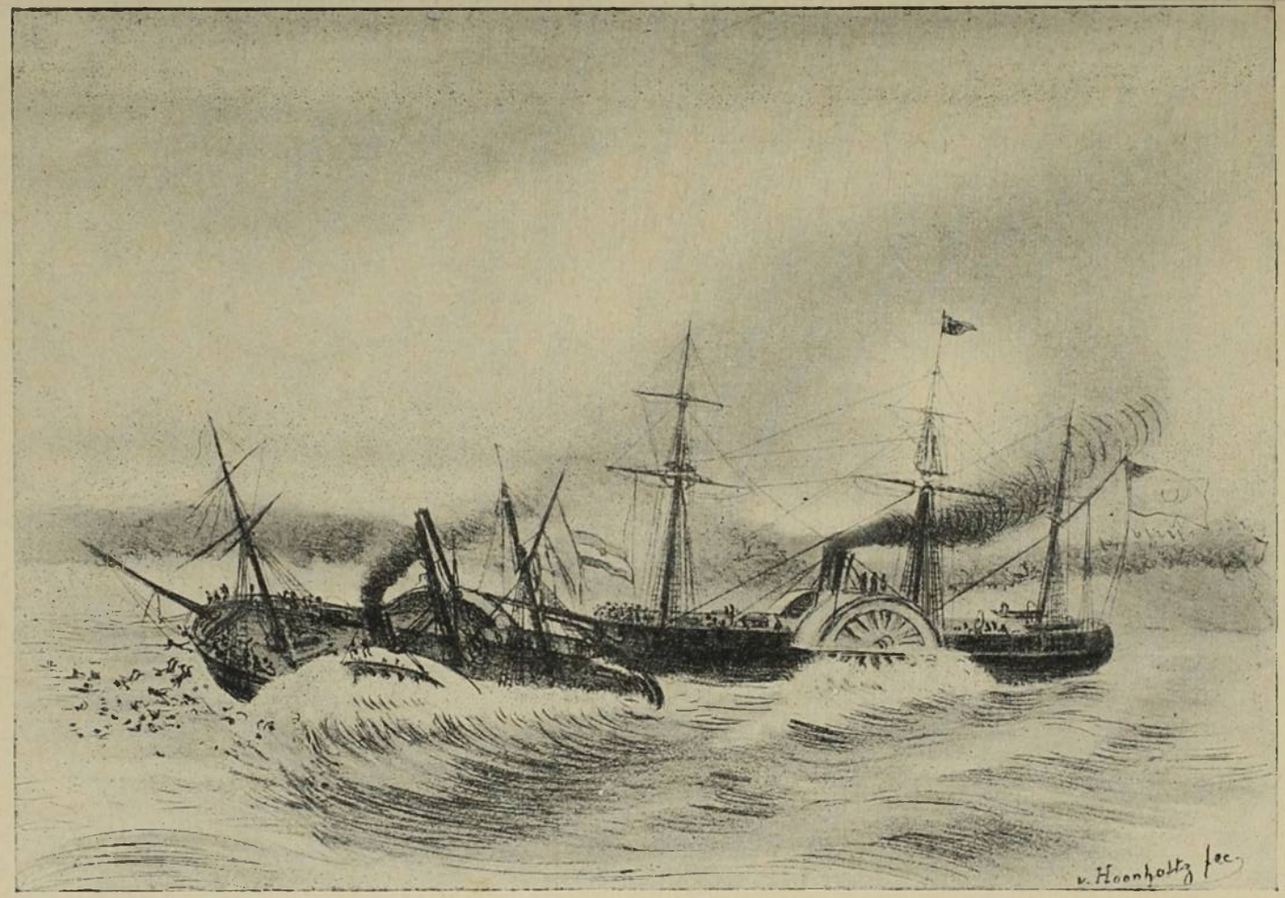
Não creio que elle tivesse ouvido a minha saudação, tal o fragor da batalha, porem naturalmente percebeu o meu gesto pois sorriu-se... — *o que eu via pela primeira vez* — e chegando o porta-voz á bocca bradou com voz forte e clara :

« *Siga nas minhas aguas que a victoria é nossa !* »

. . . . . .

Repito para que não esqueças : a *Araguary* era a ultima da linha, isto é, a que se achava mais abaixo e portanto mais proxima da esquadra inimiga.

Ora, para cumprir a ordem que o Chefe já déra de viva voz aos demais navios antes do meu, tive que seguir primeiramente aguas



EPISODIOS DO DIA 11 DE JUNHO DE 1865

Combate naval de Riachuelo.

A Fragata *Amazonas* com o pavilhão do Chefe Barroso e commandada pelo Capitão de Fragata, Brito, mettendo a pique o vapor de guerra *Paraguayo-Jejuy*.

arriba em busca de espaço livre para virar na pôpa dos outros.

Vendo porem que o *Jequitinhonha* e a *Parnahyba* não se resolviam a descer e que o Chefe e os outros haviam transposto o passo de Santa Catalina, virei tambem, e a toda a força investi sósinho o canal agora tão meu conhecido depois de ter ahi estacionado duas horas.

Mas *tres* vapores inimigos destacaram-se da margem e tomando o canal me barraram a passagem !

Passei um terrivel quarto de hora, entretanto não havia como vacillar ; fiz conteirar rapidamente os tres rodisios para bombordo, encostei-me quanto possivel ao banco da Palomera, que me ficava á direita, e gritei para a machina que désse tudo quanto podésse...

Si não me abrissem caminho levava tudo ao diabo !

Vendo o meu proposito de ir-lhes em cima, os dous da frente guinaram depressa para o lado da barranca, mas o *Tacuary* (de onde em altos gritos me intimavam a parar), teimou em abordar-me, e quando se prolongava pelo meu bombordo chupou em cheio a descarga dos meus tres rodisios carregados de bala e metralha, bem á queima-roupa, varrendo-o de lado a lado, arrancando-lhe a caixa da roda e virando

de pernas para o ar todo o pelotão de abordagem ahi encarapitado e prompto a saltar no meu convéz...

Foi um *Dies iræ*, um momento da mais terrivel confusão n'aquelle grupo de navios envolvidos pelo fumo espesso e onde o estampido dos tiros e o berreiro dos paraguayos eram de ensurdecer...

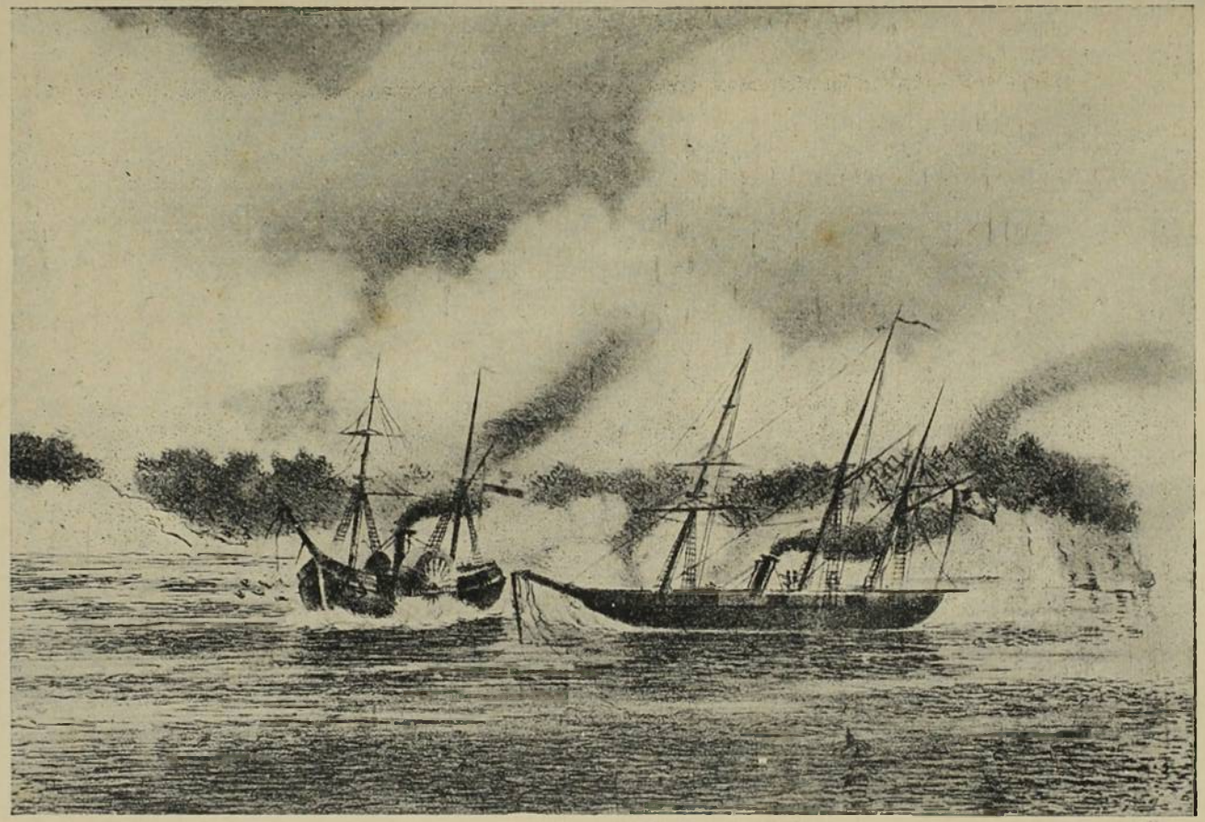
Mas a *gentil Araguary* passou óvante, e si perdi mais dous homens e tive as bordas, os escaleres e até o convéz crivados de mais balas, por sua parte a capitánea inimiga soffreu enormes perdas.

Ao alarido dos inimigos correspondia a minha guarnição com os vivas á *Araguary*, e assim atravessamos o máo passo, e na cancha de Lagraña me reuni ao grupo que déra a volta nas aguas do *Amazonas* e compunha-se apenas do *Beberibe*, *Iguatemy*, *Ypiranga* e *Mearim*.

Quando, subindo de novo, descortinamos a curva do Riachuelo deparamos com um espectaculo dos mais contristadores.

No primeiro plano vimos a *Parnahyba*, abordada pelos mesmos tres vapores cuja abordagem eu repellira ao descer... e de bandeira arriada !!!

Ao longe o *Jequitinhonha*, de prôa para baixo, porem preso no banco del Bergantin e alvejado



EPISODIOS DO DIA 11 DE JUNHO DE 1865

Combate naval de Riachuelo.

O vapor *Ypiranga*, commandante Alvaro de Carvalho, batendo um vapor de guerra paraguayo — *São 4 horas da tarde.*

pela bateria de *Bruguez* á qual respondia com admiravel vigor emquanto sua helice debatia-se em vão para safal-o...

. . . . . .

Não havia tempo a perder e vôamos todos a soccorrer a *Parnahyba*.

Ao ver-nos subir todos juntos o *Tacuary* e seus dous companheiros largaram a presa e afastaram-se, indo a elles reunir-se outro que me disse o Pratico ser o *Pirabebé*.

O *Amazonas* que navegava na vanguarda investiu sobre o *Jejuy*, ahi parado, indeciso, e mettendo-lhe a prôa em cima o pôz no fundo.

Nesse entretanto a *Parnahyba*, livre da abordagem, içou a bandeira que infelizmente o inimigo conseguira arriar...

O *Amazonas* avistando o *Salto* parado, repetiu a manobra, porem antes de dar-lhe a bicada a guarnição deste, tomada de panico, foi-se atirando pela borda fóra.

Que espectaculo desolador !

Por toda a parte o rio estava coalhado de destroços e de gente que apparecia e desapparecia acarreada pela violencia da correnteza.

. . . . . .

Pela minha amura de Bombordo eu descobri o *Paraguary* — um magnifico vapor bem artilhado — que se batia vigorosamente com

o *Ypiranga* ; segui pois a reunir-me a este afim de aprisionar o inimigo, mas quando o seu commandante conheceu que não podia mais resistir arrojou-se a toda a força sobre o banco da Palomera onde enterrou-se por tal forma que nos foi impossivel abordal-o.

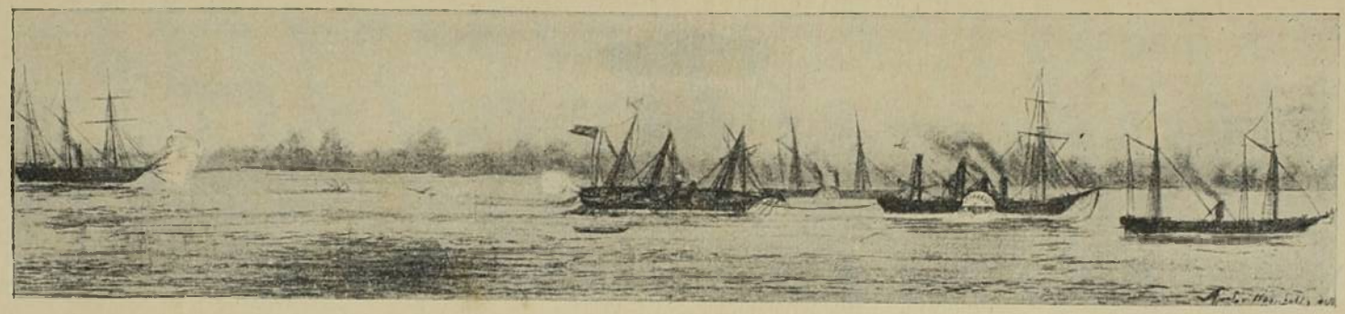
Da sua dizimada guarnição os que ainda podiam nadar precipitaram-se-pelas portinholas da prôa e ganharam a ilha, internando-se no cerrado mattagal.

Nessa occasião — seriam mais ou menos 4 horas — o immediato, *Eduardo de Oliveira*, indicou-me da prôa o *Pirabebé* que se escapava perseguido pelo *Beberibe*.

Deixei então o *Ypiranga* acabar com o *Paraguary* e toquei para cima onde descobri a fugirem : a capitánea inimiga e mais dous vapores que o Pratico disse serem o *Ygurey* e o *Yporá*, aos quaes o *Pirabebé* fazia esforços para alcançar.

Com effeito, isso se deu, pois que o Beberibe estava com uma caldeira furada e quando com elle me emparelhei gritou-me o Commandante Bonifacio que não podia acompanhar-me, parando logo depois.

A *Araguary* apesar de sua marcha se 6 *milhas por hora*, conseguiu approximar-se a tiro de canhão dos fugitivos aos quaes hostilisava



ARAGUARY TACUARY YPORÁ IGUREY PIRABEBÉ

EPISODIOS DO DIA 11 DE JUNHO DE 1865

A's 5 horas da Tarde.

A canhoneira *Araguary*, commandante Hoonholtz dando caça aos quatro vapores de guerra paraguayos que fugião rio ácima e perseguindo-os até ao escurecer. O fogo vivo e certeiro do rodizio de prôa fazia-lhes um estrago horrivel chegando a quebrar a roda de estibordo da capitânea inimiga, que se vio obrigada a seguir a reboque do *Igurey*. (*Semana Illustrada.*)

durante a caça com o seu rodisio de prôa e tão certeiras eram as pontarias dos meus amestrados artilheiros que não perdiamos tiro.

Durante alguns minutos o *Yporá* parou para continuar depois na retaguarda, taes eram as avarias que faziamos no *Tacuary*, que seguia a reboque do *Ygurey*.

De quando em quando a capitánea inimiga nos respondia, *mas somente para que das barrancas de Corrientes vissem que ainda existiam peças nessas ruinas flucluantes...*

O garboso *Taquary* parecia uma velha carcassa, sem uma das caixas das rodas, com um dos canos decepado e levando um dos escaleres pendentes do turco e de rastos na agua.

O *Yporâ* desarvorado tomou o rebóque do *Pirabebê* que estava quasi sem borda falsa.

Emfim, ás 5 ½ estavamos proximos dos laranjaes de Corrientes em cuja ponta percebia-se grande movimento de gente.

Foi então que o Pratico *Monlóvia*, com quem me reconciliára pelo seu procedimento correcto durante a acção, pois que nenhuma duvida puzéra ás minhas evoluções, veiu postar-se junto a mim (Pudéra !... na caça não corria perigo !) para formular a *primeira objecção*, ao proseguimento aguas acima.

De chapéo na mão, a martyrisar-lhe as

grandes abas, animou-se a dizer que dentro em uma hora seria noite e que elle se veria em serios embaraços para voltar ; que operavamos no canal de léste, estreito e de pouco fundo, e portanto perigoso...

Contrariado por vêr que o *Beberibe* cada vez ficava mais longe e que me achava sosinho e fóra das vistas da esquadra, diminui de força a esperar este unico companheiro.

Ao signal que me fez de descer para evitar os riscos da noite, fallei á guarnição, declarando que só obrigado por força maior renunciava a destruir por completo esses ultimos restos do poder de *Lopez*.

Um *viva* estridente e prolongado cobriu as minhas ultimas palavras, mas antes de virar a prôa para baixo mandei firmar bem a ultima pontaria, e disparando o tiro de despedida sobre o *Tacuary* fiz a volta em busca da esquadra.

Começamos pouco depois a ouvir os tiros espaçados que a bateria trocava ainda com o *Jequitinhonha*, e ao chegar ao alcance descarreguei sobre ella as minhas peças de Bombordo, não obtendo mais resposta.

Grandes devem ter sido as perdas de *Bruguez* para que a sua artilheria emmudecesse.

Proseguindo devagar até á curva do Riachuelo já encontrei o Beberibe fundeado junto

á Palomera, e como era noite procurei com mil cuidados approximar-me das chatas paraguayas ainda ahi fundeadas e amarradas á terra.

O *Amazonas* e as outras canhoneiras tinham descido para a cancha de Lagraña.

Tomei pois posição, largando a ancora em frente e junto á bocca do Riachuelo, no lugar que occupára *Mezza* ; fiz guarnecer o unico escaler que me restava em estado de servir com gente armada para o caso de aggressão inesperada, e pondo a minha artilheria prompta e a fuzilaria a póstos, mandei tomar a reboque a primeira chata e atracal-a ao costado ; depois as outras.

Penoso e moroso serviço esse !

Entretanto, quando apenas duas estavam atracadas ouvi claramente que de dentro do escuro matto da embocadura do Riachuelo chamavam com voz plangente : — « Oh, da Araguary, nos acúda ! »

Eram 11 horas da noite, e nesse silencio com que operavamos, essa voz brazileira surdindo de debaixo das baterias inimigas, causou-me uma impressão tão profunda que nunca mais a esquecerei.

Mandei incontinenti largar de novo o escaler, com mais um contingente de reforço para o caso de ser uma emboscada.

Bem inspirado fôra o meu acto de apoderar-me nessa mesma noite das chatas abandonadas n'um lugar tão arriscado !

Imagina que o escaler voltou trazendo *seis* praças da Parnahyba que a nado haviam escapado á abordagem quando os paraguayos, senhores da tólda, trucidavam os que ahi haviam permanecido !

. . . . . .

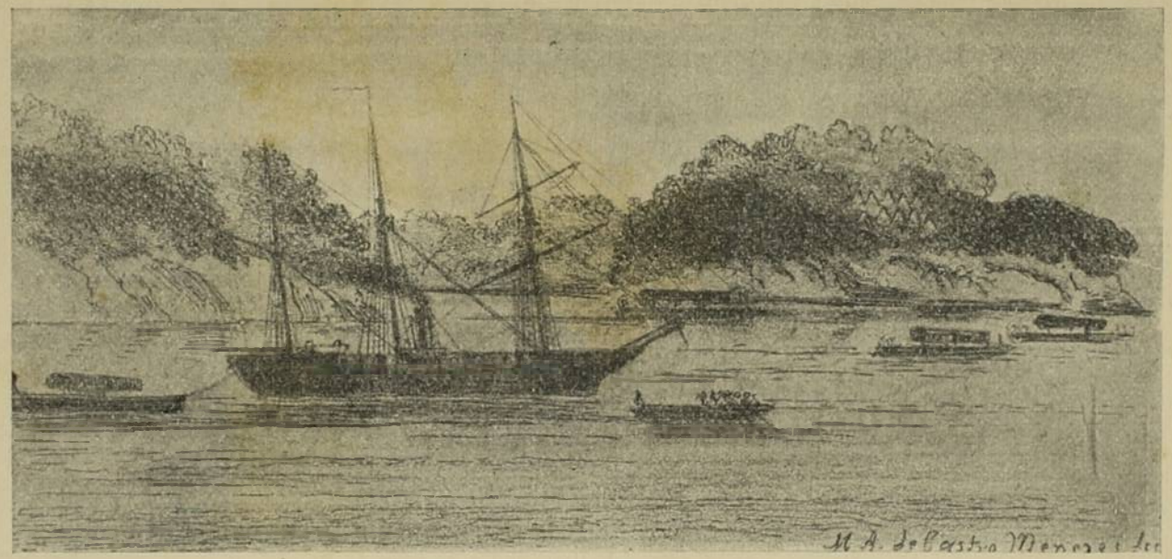
Não fôra este acaso e na manhã seguinte seriam infallivelmente degollados !

Nessa ida em busca delles o guardião descobriu uma quarta chata escondida sob a ramagem do riacho, e ao approximar-se viu alguns vultos saltarem na margem e sumirem-se nas trévas... ; só ficou n'ella um vivente, um feio cachorro...

Encurtando razões : era 1 hora da madrugada quando terminei essa faina e segui aguas abaixo em busca do grosso da nossa esquadra.

Algumas chatas tinham ainda muita munição nos paióes e só duas estavam com as peças encravadas tão summariamente — com pregos enterrados nos ouvidos — que julguei ter sido obra de nossos marinheiros.

Os canhões são de 68 *em duas dellas*, mas os rodisios da terceira e da ultima são de calibre 80, o que quér dizer em linguagem vulgar que



EPISODIOS DO DIA 11 DE JUNHO DE 1865

Combate naval de Riachuelo.

A canhoneira *Araguary* aprisionándo as chatas paraguayas na noite de 11 de Junho de 1865.

cada uma de suas *balas rasas* pesa mais de duas arrobas e meia...

A *Araguary* com esse appendice de duas chatas em cada bordo devia fazer na escuridão um effeito extranho porque ao approximar-me do *Amazonas*, junto do qual eu tinha de passar para depois fazer a ala-e-larga, o proprio Chefe *Barroso* foi quem de cima da caixa da róda, sem duvida despertado pelo official de quarto, me interpellou :

— Que navio é esse ? !

A pergunta fez-me vontade de rir, mas respondi — antes que me enviasse algum balasio. —

— É a Araguary, com as quatro chatas que estavam no Riachuelo !

— Bem ! respondeu elle, vá fundeal-as do lado do Chaco !

Por essa eu não esperava, mas dei cumprimento á ordem, e só depois (queres crêr isso?)... só depois desta faina tive liçenca de pensar no estomago e de comer alguma cousa.

Explico-me melhor.

Quando os paraguayos appareceram eram 8 ½ ; a guarnição tomava o seu almoço e eu saboreava minha canequinha de café.

As 9 horas trocamos os primeiros tiros e logo uma bala de 32 arrombou a nossa cozinha, que

é no convéz, arrojando caldeira e panellas pela bórda fóra.

Depois d'isso estivemos todos a póstos, e, si os marinheiros aproveitavam os intervallos da peleja para roerem alguma bolacha guardada no bolso da calça, o mesmo não podia eu fazer.

. . . . . .

Tanto se tem fallado em *chalas*, e mesmo nós tão pouco caso faziamos d'ellas, que imagino na rua do Ouvidor os criticos da Campanha como haviam de torcer o nariz á noticia de que os vapores que se bateram eram 8 paraguayos contra 9 brazileiros...

Pois te digo, meu Fritz, que as 6 chatas eram formidaveis tanto pelo poder offensivo como pela invulnerabilidade do *caseo submerso*.

Figura-te um grande e possante batelão de fundo chato, tendo convéz á prôa e á ré, e uma abertura no meio, como um poço de 2 metros de profundidade ; nesse fundo assenta um trilho circular sobre o qual gira a carreta do enorme canhão, cuja bocca (estando o eixo da alma, horizontal) fica pouco mais de um palmo acima da superficie do rio e ás vezes a babujar na agua. As pontarias podem ser em elevação e em todas as direcções do horizonte.

Assim carregadas, as embarcações estavam quasi submersas, e no poço do rodisio se abri-

gava a guarnição que communicava-se com os paióes de munições sem expôr-se.

Só uma bomba atirada por elevação ou o casual ricochete de uma bala podem inutilisar alvo tão difficil de attingir, ao passo que seus artilheiros tranquillamente girando a carreta não deviam errar um tiro.

Foi uma *chala* que inutilisou a *Belmonte* logo no principio da acção; e a bala de outra produziu o maior rombo que soffren o costado da *Araguary*, quasi ao lume d'agua, mas com tanta sorte para mim que penetrou justamente na carvoeira onde morreu abafada pela moinha

. . . . . .

Emfim, sómente nesse dia foi a *Araguary* atravessada por 18 balas de artilheria no casco e 5 na chaminé da machina, alem das que escangalharam a cozinha, a gayuta e os escaleres, e de uma infinidade de projectis de metralha e de fuzil, que deixaram crivadas as amuradas, cortaram enxarcias e cabos e produziram grandes avarias.

. . . . . .

Essas *chalas* que acima descrevi devem ser as taes baterias fluctuantes *blindadas* a que se referiam os Correntinos na noite de 25 de Maio, e neste ponto elles não mentiram como na ballela que nos impingiram dos dous *couraçados* de Lopez.

Com effeito, as chatas eram blindadas, não por chapas de ferro duro, mas pela couraça da agua molle que lhes garantia o casco.

. . . . . .

Fechado este parenthesis dedicado ás *chatas*, reato a minha narrativa.

Fundeadas as chatas junto ao Chaco, isto é as 3 horas da madrugada, depois da faina acabada, pensas que fomos estirar-nos a dormir até 10 horas ou meio-dia, gozando de um repouso bem merecido após a terrivel esfrega de um dia de combate e uma noite de S. João ?...

Pois si pensas isso, enganas-te redondamente.

Ás 5 horas da manhã, já de ancora em cima, seguia a *Araguary* a dar auxilio á caipora *Parnahyba*, que na vespera, sem leme, descera á matróca depois da abordagem e fôra dar fundo muito longe.

A *Parnahyba* amanhecera de signal içado pedindo medico com urgencia, e como eu tinha pressão nas caldeiras não esperei ordem do navio chefe ; suspendi e fui ancorar pelo seu travéz, passando-me incontinenti para seu bordo em companhia do Dr. Soares Pinto pois estava desejoso de conhecer as peripécias da abordagem.

Infeliz navio !

O que presenciei e o que me contaram é tão

contristador que não me animo a passar adiante...

Quero mesmo apagar da minha memoria o que vi e o que soube...

. . . . . .

Só te direi que sobre o convéz, em meio de uma grossa camada de sangue coagulado, encontrei estendidos *pêle-mêle* os cadaveres dos 30 bravos que haviam sustentado a luta com os feróses assaltantes.

. . . . . .

Reparado *á la diable* um grande escaler, foram ahi accommodados os corpos desses heróes, e a rebóque do meu o conduzi primeiro á atracar á *Araguary* para receber os meus dous mortos e um contingente sob o commando do Alferes Conrado de Aguiar, a quem incumbi de inhumal-os na margem do Chaco.

Cumprido este pio dever regressei para meu bordo, onde o immediato me communicou que o vigia dos váos de joanete avisára distinguir muito abaixo, por tráz do matto de uma ponta, um navio fundeado.

Sem mandar recolher o medico, que eu deixára na Parnahyba, suspendi ás pressas e toquei aguas abaixo.

. . . . . .

Ao approximar-nos da curva do rio reco-

nhecemos, o *Marquez de Olinda* que em Novembro *Lopez* aprisionára e que no Riachuelo occupava a tésta da columna inimiga.

Eu que o suppunha no fundo, em companhia do *Salto* e do *Jejuy*, experimentei uma grande alegria contando leval-o a rebóque até á esquadra.

Que relevante serviço prestaria !

Mas n'isso o pratico exclamou : « — No está anclado, está varado !... Mire usted la orilla del banco ! — »

Entretanto ainda conservava içada a bandeira paraguaya e via-se o movimento de gente a correr no convéz.

Acerquei-me quanto pude e largando o ferro fiz preparar o meu unico escaler com a gente armada e mais um contingente de 10 Imperiaes Marinheiros de reforço, e, acompanhado pelos Tenentes Meunier e Castro Menezes, fui abordal-o.

Atraquei e subi, já se sabe, de revolver em punho, seguido immediatamente por todos os meus.

Ao galgar o portaló dei logo em frente com uns cincoenta homens formados em linha, porem desarmados ; e um pouco a ré um official branco e de suissas ruivas que me fazia a continencia.

Em torno, á prôa e á pôpa, era a desolação :

peças desmontadas ; carretas despedaçadas gayutas, amuradas, caixas das ródas, canudo... tudo esbandalhado e coberto de sangue em póstas...

Mettendo outra vez no talim o meu revolver, interpellei o official :

— És Usted el comandante ? —

— No señor — respondeu elle com um accento em que logo conheci um extrangeiro — e accrescentou muito depressa.

— Yo soy ingeniero maquinista contratado ; soy inglez.

— Y donde está el comandante que no se presenta ? — retorqui. —

— Señor — acudiu o machinista — el comandante no puede venir porque está acostado en la camara, muy mal herido.

— Entonces no hay a bordo ningun otro oficial paraguayo ? —

Um sujeito mal encarado deu um passo á frente, e disse :

— Yo soy el comisario ; los oficiales han muerto !

— Si no hay otro, marche usted pronto a bajar ese pabellon !... bradei colerico, indicando a bandeira.

Tres ou quatro paraguayos e o Machinista correram ao mesmo tempo para ré e arriando-a,

assim como a flamula, vieram entregar-m'as, emquanto o Meunier içava a bandeira brazileira que trouxeramos.

Nesse curto momento observei o terror estampado nas physionomias duras desses mestiços guaranys, e por um desses rasgos de generosidade brazileira, tranquillisei-os com as seguintes palavras :

— Pueden ustedes estar tranquilos y seguros ; los brasileros no fusilan ni deguellan sus prisioneros... Vayan a buscar la ropa y todo cuanto les pertenece !...

Emquanto elles, debandando, tratavam de entrouxar os seus pitates, passei uma revista no navio e verifiquei com desgosto que alem de encalhado tinha o porão cheio d'agua.

Dirigi-me então á camara com meus dous officiaes.

Á pequena distancia da porta dei com o commandante, deitado sobre o tapete, em mangas de camisa e esta empapada de sangue.

Quando me viu fez esforço para sentar-se, porem não o conseguiu e ficou apoiado sobre o braço direito.

Descobri, ao passar a vista em torno, que sobre a mesa estava atirada a farda com as competentes dragonas, e ao lado a espada com talim e um revólver de grande modelo.

Puxei um tamborete e sentando-me junto d'elle fallei-lhe em tom brando, pedindo-lhe que tomasse posição menos incommoda, e auxiliei-o mesmo a deitar-se como estava.

Antes de interrogal-o indaguei primeiro quaes os seus ferimentos e si soffria muito.

Elle, de sobr'olhos carregados e desviando de mim a vista, respondeu com voz abafada :

— No és nada... Estoy herido, si,... pero no sufro... no és nada !

Entretanto tinha o braço esquerdo partido no terço superior e o peito atravessado por uma bala de fuzil que penetrára entre duas costellas e sahira nas costas furando a farda, como depois verifiquei.

Em pé junto d'elle e n'uma attitude de grande respeito conservava-se um Sargento a quem o commandante fallou em guarany.

O Sargento apressadamente approximou-se da mesa e d'ahi tirou a espada que lhe entregou.

Róbles tomando-a pelo meio, deitado como estava estendeu o braço direito e proferiu em tom solemne estas palavras :

— Señor Comandante... por la fuerza del destino... soy su prisionero... Le entrego mi sabre !...

Dito isto fechou os olhos.

Esta tirada theatral seria comica si o pobre homem não estivesse ás portas da morte...

Comprehendendo qué era impossivel interrogal-o n'aquelle estado, e ancioso por colher informações sobre *Lopez* e seus projectos, tomei de parte o tal machinista e longe do ferido procedi a um interrogatorio em regra.

Começou dizendo chamar-se Gibbon (ou Gibson) e ser engenheiro mechanico contratado por tres annos, como os demais inglezes chefes de machinas a serviço do Paraguay.

A minha pergunta sobre os aprestos da esquadra e a data da partida de Assumpção, assim como o nome dos navios e de seus commandantes, respondeu :

« Que *el Mariscal* viera ha dias de Assuncion para Humaytá, de onde partira a esquadra na noite de sabbado, 10 de corrente, debaixo de musica e do maior enthusiasmo ; que el *Supremo* passára em revista os navios e depois fóra collocar-se no ponto mais visivel e illuminado da bateria de Londres para assistir ao desfilar e receber os vivas estrondosos com que era saudado á passagem de cada um.

Que eram 10 os navios (dos quaes fui escrevendo os nomes n'um enveloppe que tinha no bolso) :

Tacuary (navio chefe) commandado por Martinez.

Paraguary, commandante Alonzo.

Marquez de Olinda, commandante Ezequiel Robles

Yporá, commandante Ortiz.

Igurey, commandante Cabral.

Jejuy, commandante Aniceto.

Salto Oriental, commandante Alcaraz.

Pirabebé, commandante Pereyra

Iberá, commandante Gil

Paraná, commandante Gutierres.

Contou que este ultimo ficára no Cerrito com avaria na machina (ou caldeira arrebentada, não sabe bem) e que o Iberá ao chegar ás Tres Boccas soffrera igualmente na machina uma tal avaria que obrigára o Commodóro *Mezza* a mandar fundear toda a esquadra para esperal-o.

A avaria era porem irreparavel com os recursos de bordo, de modo que perderam inutilmente as horas da noite e quando o commodoro resolveu descer *sem o Iberá* já o dia despontava.

As evoluções para virar aguas abaixo com as seis baterias fluctuantes a rebóque consumiram ainda um tempo precioso e foi por isso que só depois das 8 horas da manhã chegaram á vista da nossa esquadra. »

Este machinista procurava visivelmente captar a minha sympathia pois nunca vi inglez

tão verboso, embóra o seu hespanhol fosse ás vezes difficil de comprehender.

Disse mais : que era sempre consultado pelo Commandante Robles (irmão do General) e que este lhe mostrára em Humaytá as instrucções redigidas pelo proprio Marechal Lopez, que, alem de as dar ao chefe, as mandára a cada um dos commandantes, e não contente com isso os reunira em conselho e lhes prescrevera pessoalmente o que deviam fazer. »

O inglez conhecia effectivamente o plano de ataque, e, apesar de expressar-se em idioma tão diverso do seu, fez d'elle uma exposição completa, e confessou que tanto elle como os seus patricios machinistas estavam perfeitamente convictos de que nada soffreriam porque os navios brazileiros *não teriam occasião de fazer uso de sua artilheria.*

Continouu dizendo que : » desde o nosso inesperado desembarque em Corrientes a 25 de Maio, o Mariscal expedira ordens severas ao General Robles e Coronel Bruguez ordenando-lhes que explorassem sem tardar a cósta Correntina, e, no ponto onde o canal fosse mais estreito, montassem uma bateria dos mais grossos canhões de que dispunham, bem occulta, e ladeada de vallos para abrigo da fuzilaria o que foi logo executado.

Que ao mesmo tempo *el Mariscal* occupou-se com actividade febril em ultimar o preparo de sua esquadra.

Que só depois de haver recebido o croquis da *vuelta del Riachuelo* com a posição da bateria e do acampamento, foi que aggregou as chatas á força naval, destinando-as a cooperarem com a bateria, cujo fim era metter a pique os navios que escapassem á abordagem e pretendessem fugir.

Vou transcrever *ipsis verbis*, antes que me esqueça, este trecho interessantissimo da exposição do tal Gibbon :

« Debiamos llegar frente á Corrientes como a las *dos* de la manãna y continuar a toda fuerza por el canal de léste, sin luces ni faróles, pues en el oscuro de la noche y proyectados sobre la orilla opuesta quizá pasariamos inadvertidos.

« Mismo en el caso contrario ninguna bala nos pegaria y la escuadra paraguaya *dejando las chalas en la vuelta del Riachuelo* haria fuerza de maquina a tomar el canal del Chaco avanzando por la popa de la escuadra brasilera y abordando sucesivamente todos sus buques antes de darles tiempo de acudir al zafarrancho. »

« El Mariscal concluia sus instrucciones con esta frase — *Costáo a costáo* ; *una banda de me-*

tralla sobre la cubierta ; una descarga de fuzileria, y luego echar-se de sabre en puño adentro del buque enemigo ! —

Continua Gibbon :

« Como cada buque paraguayo disponia, además de su tripolacion, de 200 hombres de abordaje, figurese usted, Señor Comandante, si nosotros estariamos ó no seguros de que la lucha seria de arma blanca, y facil nuestra victoria ! »

« Tanto es cierto eso que el Mariscal al despedirnos no cesaba de repetir : — Acaben con los brasileños pero traigan sus buques intactos para refuerzo de nuestra escuadra ! »

Perguntando-lhe eu porque razão *Mezza* não tinha esperado nas Tres Boccas que o *Iberá* reparasse as avarias, adiando o ataque para a seguinte madrugada ; o inglez bateu vivamente com a mão direita na palma da esquerda e exclamou :

— Eso és !. . Si lo he dicho al comandante antes de zarpar de las Tres Bocas !... pero el no me contestó...

« Cuando ya nabegabamos, pero todavia lejos de Corrientes, yo subi de nuevo al puente y me puso a conbersar con el comandante, diciendole que todo el plan del Mariscal resultaria un fracaso; que todo estabad eshecho,

burlado, porque *no encontrariamos el enemigo a dormir*. Que seria prudente no seguir mas adelante ; parar la maquina, y al acercarse el *Tacuary* proponer al comodoro de quedarnos alli — *donde nadie podia vernos ni sospecharnos* — hasta media noche, y bajar entonces.

El comandante aceptó mi consejo y hizo stopper. Pero Mezza le contestó rabioso : « No !... vayase usted a tomar su puesto y siga adelante ! — »

Gibbon accrescentou com ar triumphante, como si a derrota lhe désse prazer :

« Y sucedió lo que yo preveia !... »

Referio — me ainda que apesar da marcha forçada com que passaram, todos os vapores foram attingidos pelos certeiros tiros da nossa esquadra ; e que *Mezza*, ao constatar as grandes perdas nas fileiras de soldados que propositalmente mandára formar sobre as amuradas com o fito de nos intimidar, gritára-lhes que descessem.

Que o commodoro não parou em Riachuelo nem ahi deixou as chatas, continuando até a cancha de Lagraña, por desejar saber dos commandantes quaes as avarias soffridas, mostrando-se depois d'isso tão abalado que resolveu subir e collocar-se *sob a protecção de Robles* e *Bruguez*.

Á minha pergunta si essa concentração de forças na curva do Riachuelo não fôra ordenada por Lopez, respondeu *que não*, pois que Mezza devia abordar-nos durante a noite e de surpreza.

Que só as chatas deviam ficar ahi para metterem a pique os fugitivos que escapassem da abordagem e do fogo da bateria.

Ajuntou que depois que a sua esquadra fundeára no Riachuelo o commandante o convidára a acompanhal-o ao Taquary, onde ia participar ao Commodóro o que se passára a bordo e as perdas que soffrera. Que nessa occasião vendo *Robles* que nossas chaminés fumegavam propuzéra a *Mezza* o fechamento do passo de Santa Catalina para evitar a nossa fuga.

« Y como ? inquirira o Commodóro, de máo humor.

— Haciendo *anclar* al travez del canal tres o quatro de nuestros buques — contestó Robles.

« Mire, que tonto !... exclamõ Mezza — » Y no vê usted que en la ancia de escaparse se echarán de ojos cerrados aguas abajo con riesgo de meternos a pique ?...

« Quedemonos donde estamos que estamos bien. »

« Si bajan estan perdidos, y si no bajan los tomaremos esta noche ! »

. . . . . .

Quando acabou toda esta historia, que em certos topicos me fez subir a mostarda ao nariz, eu soltei um riso de mófa e disse ao inglez :

« Usted ha sido embromado por eses picaros, y eso és estraño en un inglez...

Solo um idiota puede comparar el Brasil con el Paraguay ! »

O machinista, um finorio de chapa e alem disto um simples mercenario, reiterou com grandes zumbaias os seus salamalecks e aproveitou o ensejo para ir lógo mettendo a estôpa no prégo : » Que se contractára na marinha de Lopez porque lhe pagavam muito bem, e elle, páe de familia, necessitava ganhar o pão para a mulher e filhos que deixára na Inglaterra ; que não era inimigo, e ao contrario pedia a minha protecção para que obtivesse do meu Almirante um cargo na nossa esquadra, equivalente ao que exercia no Paraguay !...

E foi sacando do bolso o seu contracto... (que recolheu a um gésto meu...)

Ora ahi está um prisioneiro original.

Será mesmo inglez, esse typo ?

Si é inglez, então é judeu !...

. . . . . .

Satisfeita a minha curiosidade com estas informações — que não creio mentirosas porque o machinista tinha interesse em agradar-me e do lugar em que estavamos via o Meunier e o Castro Menezes interrogarem por seu lado os outros prisioneiros — mandei que o escaler levasse para a Araguary a primeira remessa, de vinte homens, e que trouxesse de bordo um catre da enfermaria.

Dirigi-me de novo á camara, á cujas portas estavam postados os meus 10 Imperiaes Marinheiros, e com muita cortezia avisei ao Robles que ia conduzil-o para o meu navio.

Elle não respondeu, e quando atracou o escaler deixou que o suspendessem sem dar um gemido até deital-o sobre o catre, que foi arriado para o escaler sem o menor choque.

Como o estado do ferido era muito grave e o meu medico ficára na Parnahyba, resolvi conduzil-o sem demora para o navio chefe e voltar a recolher os demais prisioneiros e com vagar proceder a um exame detido do casco do Marquez de Olinda a vêr se poderia ser aproveitado.

Deixei pois a bordo as 32 praças paraguayas, e mais o machinista e o commissario, que me

OS VERDADEIROS INIMIGOS DO PARAGUAY

Francisco Solano LOPEZ
El Supremo



Miss LINCH
Sua amázia



Photographias encontradas na camara do Marquez de Olinda quando tomei prisioneiro o commandante EZEQUIEL ROBLES

pediram licença para arrecadar o que lhes pertencia... (só o que lhes pertencia ?...)

. . . . . .

Tão apressadamente te escrevo que muita cousa me escapa ; por exemplo, não te contei que na revista pela tolda do navio causou-me especie não encontrar nenhum morto, nem ferido, no meio de tanto sangue, e á minha pergunta :

— Y donde estan los muertos ?

O Comissario respondeu :

« Lanzados al rio...

— Y los heridos ? insisti...

« Se echaran al agua...

— Como ? retorqui indignado, — se echáran, ó fueron echádos ?

Todos ficaram calados...

Horrivel ! não achas ?... Considera que alem da tripulação cada navio transportava 200 homens de abordagem, e alli existiam, horas depois da batalha, somente 55 pessoas, sendo o Commandante, o Commissario, o machinista, um sargento e 51 praças, das quaes uma fallava nossa lingua, *um brazileiro* da antiga tripulação desse ex-paquete !

Este pobre patricio era o mais sujo dos prisioneiros, e sem duvida pelo muito que soffrera nesse duro captiveiro, ficára embrutecido,

idióta, pois mal respondia ao que se lhe perguntava e parecia indifferente a tudo quanto se passava em róda d'elle !...

. . . . . .

Mas voltemos ao *Róbles*.

Durante o trajecto até á esquadra deixei o immediato com o pratico no passadiço e desci á camara onde tinha sido accommodado o ferido sobre os meus travesseiros e almofadas.

Sentado junto d'elle procurei tranquillisal-o; vendo-o assim fraco mandei o Lucindo buscar uma garrafa de Porto (a unica da minha despensa) e dei-lhe um calix que effectivamente o reanimou.

Comecei então a fallar-lhe como se fosse uma visita, e contei-lhe que Benigno Lopez (irmão do Dictador) havia sido meu collega de anno em 1852, na Academia de Marinha ; que era um bonito rapaz e meu companheiro de passeios no Rio de Janeiro.

Terminei perguntando-lhe si Benigno actualmente commandava em chefe a força naval do Paraguay ?

O olhar do meu prisioneiro desannuviou-se e fixando-me attentamante, porem já sem odio, respondeu :

« — D. Benigno és un caballero muy cumplido ... lo queremos mucho... pero no ha tomado

la carrera de armas... vive recojido en su hacienda. »

Não prosegui, como pretendia, para verificar certos pontos do depoimento de Gibbon porque o ferido fazia grande esforço para fallar e acabára fechando os olhos.

Subi ao meu posto e depois de fundear o mais proximo possivel do Amazonas tornei á camara com quatro homens para transportal-o.

Ao saber que eu ia conduzil-o para o navio chefe, *Robles* teve um estremeção, sua physionomia contrahiu-se e agarrando-me na mão balbuciou :

— No!... no quiero que me lleven... quiero quedarme con usted... dejeme morir tranquilo... —

Ora, meu Fritz, tive pena do pobre moribundo, mas era isto justamente o que eu queria evitar... que elle morresse no meu navio.

Fiz-lhe vêr que no *Amazonas* elle seria muito bem tratado e com o conforto que não existia na minha canhoneira, etc.

Por fim socegou, e logo que foi recebido na capitánea o Commandante Britto recommendou-o aos cuidados dos cirurgiões ahi reunidos, que acharam imprescindivel e urgente a amputação do braço.

Não pude assistir á operação porque o Chefe

Barroso aproveitou a minha presença no *Amazonas* para mandar-me cooperar com o Alvaro e o Barbosinha no desencalhe do *Jequitinhonha*.

Ponderei-lhe que eu fizéra 55 prisioneiros mas só pudéra recolher 21, restando no Marquez de Olinda, alem do machinista e 33 praças ainda o cofre e muita cousa aproveitavel.

Barroso retorquiu, sempre com aquelle tom rude e secco :

« Vá ajudar os outros ; si o *Marquez de Olinda* está encalhado... não fóge ! »

Sem replicar girei sobre os calcanhares e sahia aborrecido, chocado por aquelle modo desamavel, quando Barroso accrescentou : » E não se esqueça de mandar-me a parte do seu navio... e que seja *curta, sem circumloquios.* »

. . . . . .

Essa visita ao *Amazonas* foi uma decepção.

Na vespera, quando recebiamos em commum o baptismo de fogo, eu esquecido dos attritos anteriores, admirei-o e victoriei-o...

E elle que me via de cabeça alta no meu posto perigoso sorriu-me ao passar, mas foi um lampejo, um riso fugaz, pois 24 horas depois, em vez de abraçar-me, fallou-me no mesmo diapasão de sempre, de chefe que me tinha atravessado na garganta desde o pedido que eu fizéra em Buenos Aires ao Almirante



EPISODIOS DO DIA 13 DE JUNHO DE 1865

Combate naval de Riachuelo.

Os vapores *Ypiranga* (com. Alvaro de Carvalho), *Mearim* (com. Barboza), *Araguary* (com. Hoonholtz) e *Iguatemy* (com. Coimbra), trabalhando em desencalhar o *Jequitinhonha*, quando ás 2 horas da tarde as baterias do Riachuelo romperão de novo o fogo sobre elles, sendo respondido de modo tal pela artilharia de bordo, que ás 5 horas tiverão os inimigos de calar-se,

Tamandaré para transferir o navio de meu commando da sua Divisão para a do Segundino Gomensoro... Zangou-se...

É boa ! mas é que *Segundino* commandava a vanguarda e eu não queria ficar na bagagem !

Não importa ; sirvo ao meu paiz e não a Chefes, nem Almirantes.

. . . . . .

Antes de virar a pagina :

O casco encalhado do *Marquez de Olinda* não fugiu, com effeito... *mas fugiram os prisioneiros que lá deixei*, como verás adiante.

Segui para a Palomera e junto do *Jequitinhonha* encontrei em grupo as tres canhoneiras *Mearim*, *Ypiranga* e *Igualemy* : a primeira occupada em safar a segunda que encalhára no mesmo banco !

A *Igualemy* a custo pudéra livrar-se de uma grande entalação, pois estivera algumas horas atravessada sobre a pôpa do pobre *Jequitinhonha*, que desta fórma ainda mais enterrou-se na areia...

Emfim, o resto do dia 12 foi somente empregado em desencalhar o *Ypiranga*.

Na madruga de 13 (dia de Santo Antonio) segui de prumo na mão a fundear acima do

cabeço e justamente na direcção do eixo longitudinal do *Jequitinhonha* ; feito isto fui arriando a amarra até a manilha das 45 braças ; tomei então um virador da pôpa deste, e tocando a machina adiante ia ao mesmo tempo mettendo a amarra dentro.

Qual nada !

A *Araguary* gemia por todas as juntas, a helice revolvia a agua e a areia, os meus bons marinheiros de peito encostado ás barras empregavam toda a força em virar as linguetas, mas o *Jequitinhonha* não se movia...

Livre da encalhadela o Ypiranga tomou afinal posição pelo meu travéz de Bombordo, o mesmo fez a Mearim, e todos á uma, reunindo nossas forças trabalhamos com a melhor vontade de salvar esse excellente navio... mas em vão !

Ao meio-dia, hora do jantar da guarnição, recebi ordem do Commandante Britto (do *Amazonas*) — que viera commissionado pelo Chefe dirigir o serviço do desencalhe — para parar a machina e depois do jantar da gente mandar o escaler buscar parte da guarnição do navio encalhado antes de novo ataque das forças de terra.

Era assumpto de nossos commentarios o silencio completo guardado por *Bruguez* desde

a tarde do dia 11, e urgia providenciar de modo a poupar vidas no caso de recomeçarem as hostilidades, uma vez que esse bello vapor estava irremediavelmente perdido.

Aproveitando o intervallo de calma em que minha presença não se tornava necessaria na tolda desci á minha camara (arejada por um rombo tão grande como a vigia) e comecei a escrever a parte dos successos da ante vespera resumindo aqui, supprimindo acolá periodos inteiros, para não cahir nos taes *circumlóquios* prohibidos.

Sôavam justamente 2 horas da tarde quando o Mestre Bernardo, quasi aphonico, soprou lá de cima : — Sr. Commandante ; paraguayos na bateria !

Pulei para cima e segui o mestre até á prôa, de onde, applicando o binoculo, vi distinctamente uma peça longa de bronze por baixo de umas arvores porem acima da primeira bateria.

De cada lado da carreta havia tres soldados, os dous primeiros de cócaras e o ultimo de pé, assim como o chefe da peça que debruçado sobre a culatra parecia escorval-a ; a guarnição era pois de sete artilheiros.

Não havia tempo a perder e como a minha pobre gente estava deitada a descançar de tantas fadigas, chamei os dous Imperiaes que

estavam mais proximos, para conteirar o rodisio da prôa, e, sem o minimo barulho, fiz eu mesmo a pontaria emquanto o mestre mettia mais uma metralha alem da carga.

O tiro inesperado produziu um effeito medonho, o canhão inimigo e seus serventos viraram de catrambias, porem logo em seguida a resposta foi dura.

Uma nova bateria de 10 ou 12 peças se desmascarou e rompeu um fogo desesperado sobre o grupo de canhoneiras que procuravam salvar o *Jequitinhonha*.

Novo combate se empenhou.

Um dos serventes do rodisio que eu disparára cahiu com um braço esphacelado por uma bala; a amurada de estibordo voava em estilhas e as perdas e avarias augmentavam e não nos deixavam gloria porque á tiro de pistola a vantagem era d'elles.

Os meus companheiros de esfrega largaram as amarras sobre bóia e foram tomar posição — em frente — junto á ilha Palomera, onde continuaram o bombardeio com mais vantagem.

Acompanhei-os nessa manobra, e d'ahi, com toda a tranquillidade dei-lhes de rijo até que se calaram e deixaram em paz o *Jequitinhonha* cujo costado de Bombordo estava como um crivo.

O commandante fizéra abrigar a gente abaixo da coberta e assim esperou até ao anoitecer.

Depois de bem encravada a artilheria; da abertura de todas as valvulas, e de inutilisada a machina, passou-se o Commandante Britto com cerca de *cem praças* de pret para a *Araguary*.

A *Igualemy* desceu ainda com dia seguindo pelo canal da Boca Chica de la Palomera.

A *Mearim* e o *Ypiranga* tendo recolhido o Commandante Pinto, os officiaes de mar e terra e o resto da guarnição, desceram tambem, mas o Commandante Bonifacio receiando que o seu pratico encalhasse o *Beberibe* por estar escura a noite, mandou um official pedir-me para ficar em sua companhia até a sahida da lua.

Obtido o indispensavel consentimento do Commandante Britto conservei-me no canal da Palomera, fundeado pela prôa do *Beberibe* até as 2 horas da madrugada, descendo então ambos com luar claro para o ancoradouro da cancha de Lagraña, sem que nos hostilisassem á passagem pelas altas barrancas de Santa Catalina.

Durante o resto da madrugada occupamo-nos em fazer o transbordo da guarnição do *Jequitinhonha* para o navio chefe, faina extenuante

para os remadores do meu escaler, apezar de se revesarem de quando em quando; porem contavamos que depois da ultima barcada descançariamos, no que fomos burlados pois que o patrão ao regressar trouxe-me um bilhetinho a lapis, do Commandante Britto, transmittindo-me a ordem de subir de novo ao Riachuelo afim de incendiar os cascos do *Paraguary* e *Jequilinhonha*, e inutilisar a *chata* que para ahi fôra conduzida por uma das canhoneiras.

Vai tomando nota.

Não me queixo de fadiga, nem reclamo por minha gente porque na *Araguary* todos são moços, á excepção do Walker, porem mesmo este é homem de fibra forte e rija ; o que revolta a bilis é ver que o meu navio não fica um momento parado, ao passo que os demais dão tempo ás suas guarnições de repousarem.

Como te disse, na noite de 11 o unico navio que se occupou em arrancar as chatas de sob as barrancas occupadas pelo inimigo, foi a *Araguary*.

Até 2 horas da madrugada de 12 durou a faina pesada de fundeal-as em lugar seguro.

As 5 tive de acudir ao chamado da *Parnahyba* ; depois tomei a mim o serviço de mandar enterrar es mortos d'ella com os meus ; em seguida avistando o *Marquez de Olinda* ainda

guarnecido fui dar-lhe abordagem, que teve felizmente caracter pacifico pela submissão dos 55 paraguayos que ainda restavam com vida ; d'ahi, dirigindo-me ao navio chefe, tive ordem de subir de novo ao Riachuelo afim de auxiliar o desencalhe do *Jequitinhonha*, em cujo serviço trabalhamos até a tarde de 13.

Das 2 horas desse dia ás 6 da tarde deu-se o segundo combate com a bateria de *Bruguez*.

Desde o escurecer a tarefa do salvamento da guarnição do *Jequitinhonha* e o seu transporte para baixo afim de depositál-a na espaçosa fragata *Amazonas*, não nos permittiu um momento de descanço.

Executada esta commissão, isto é, ás 4 horas da manhã, um bilhete laconico ordena-me :

« — Suba outra vez ao Riachuelo ; queime os navios e inutilise a chata. »

Era o caso de perguntar : então não resta na esquadra nenhuma outra canhoneira ?

E não é intuitivo que o navio que levou para cima uma das quatro chatas (tomadas por mim) e que a deixou n'aquelle perigoso lugar fosse escolhido para buscal-a e restituil-a á esquadra ?...

Não julgues, meu Fritz, que ao cumprir ordens eu faça cara feia, nem levante qualquer objecção com o fim de metter-me na cócha.

Si a ti me queixo *na intimidade* é porque

revolta-me tudo quanto cheira á injustiça, sobretudo com os meus subordinados que nenhuma culpa têm de que eu seja o mais moço e o mais moderno em patente.

Na militança esta circumstancia é altamente desvantajosa ; o mais moderno da collectividade é sempre o burro de carga.

Que queres : São os percalços da vida.

Dado este cavaco prosigo no meu minucioso compte-rendu.

. . . . . .

Estamos na madrugada do dia 14.

A *Araguary* em vez de ir occupar o seu lugar na fila pôz o ferro em cima, mas para seguir aguas arriba, e ao nascer do sol investia novamente o celebre canal de Santa Catalina com a sua artilheria prompta e sua gente a póstos.

Ahi, nem viva alma sobre a barranca...; tudo era silencio n'esse scenario onde tres dias antes se déra a luta infrene de duas raças, que em terriveis embates encheram de fumo, de gritos e de estampidos o ambiente óra tão calmo e transparente !

Cautelosamente fui avançando a approximar-me do Riachuelo, e emquanto isso, o carpinteiro remendava como podia o casco todo furado do meu *guig*, aquella canôa de regata, comprida, rasa, esguia, e veloz como uma setta, que tanto

me custára a obter no Rio de Janeiro e que era o meu luxo de commandante.

De antemão eu mandára preparar ingredientes para incendiar os navios : estôpa, alcool, alcatrão, velas misticas e morrões; bem assim embarcára nella sete salva-vidas para o caso de um sinistro.

Feito isto bradei do passadiço : « — Preciso de seis *homens valentes* para uma commissão arriscada ; quem o fôr salte á canôa ! »

Ah, meu querido irmão, foi uma correria, um zum-zum, uma confusão que não te imaginas... Todos queriam embarcar, emquanto que a guarnição do *guig*, reclamando a primazia, saltára dentro e não cedia a ninguem o direito de guarnecel-a. Vendo eu os meus homens dependurados ás talhas e á boça, a disputarem um lugar nas bancadas, ao principio ri-me com verdadeira satisfação, mas receiando que com aquelle peso mettessem á pique a encouraçada (como lhe chamavam os marinheiros pelo feitio da prôa em ariete) mandei subir todos os intrusos e deixei a propria guarnição, designando sómente para dirigir a operação o Guardião Antonio de Souza, homem activo e valoroso, ao qual determinei que começasse pela *chata*, desmanilhando-lhe a amarra e deixando-a vir agua abaixo para eu apanhal-a,

emquanto elle subisse ao *Jequitinhonha*, afim de incendial-o e só em ultimo lugar atracando ao *Paraguary* que occupava posição mais distante da bateria.

A canôa ainda não tinha largado de bordo quando da bateria rompeu o fogo, ao qual desde logo fomos respondendo á medida que subiamos, amparando-a assim á nossa sombra até que alcançamos o travéz da bateria fluctuante, que ficava muito para terra.

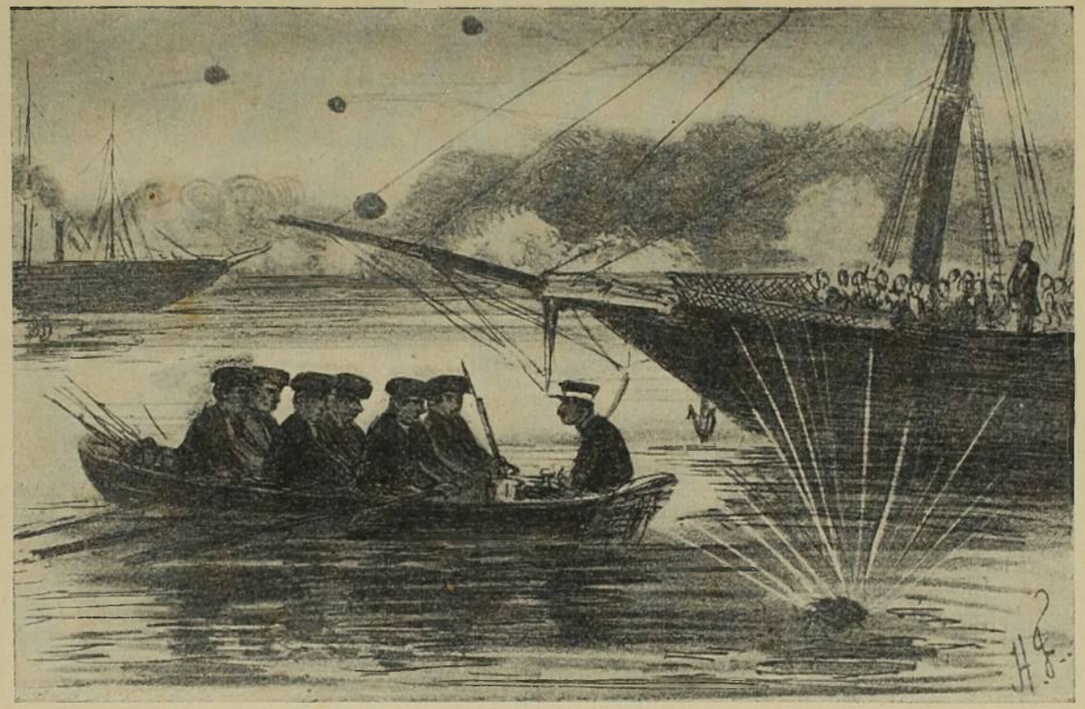
Ahi parei, e a canôa em poucas remadas atracou a ella que tornou-se desde logo o alvo dos inimigos.

Raza como era, o seu casco atracado por bombordo não corria perigo, mas a minha anciedade era enorme ao acompanhar os movimentos dos meus homens nos esforços que faziam *no convéz* por tocar a manilha da amarra.

Nisto uma bala fez ricochete tão proximo que a columna d'agua cobriu a chata.

O nosso fogo redobrou, porem a minha emoção era tal que não vendo mais a minha gente na prôa da chata duas lagrimas me empanaram a vista.

De repente surdiram os vultos da escotilha, e, agachados saltaram na canôa, notando eu que a chata atravessára e descia á mercê da correntesa.



VAPOR "ARAGUARY" NO COMBATE DE RIACHUELO

(*Episodio*).

O Commandante Antonio Luiz von Hoonholtz disse: — Preciso de seis homens valentes para uma commissão arriscada, quem o fôr salte á canôa. — Foi uma confusão. Todos querião ir; escolhido os seis marinheiros e mais o guardião Antonio de Souza, partiu a canôa, por entre uma chuva de balas, a lançar fogo ao navio inimigo. A guarnição ficou a orar por elles. Deus ouviu-a. Voltárão incolumes e cobertos de gloria.

(*Semana Illustrada.*)

O Guardião tinha desmanilhado a amarra no porão.

Neste entrementes o *vigia* dos váos de joanete avisou que uma columna de infanteria marchava sobre a alta barranca que nos ficava a tiro de pistóla.

Parei a machina e deixei-me cahir a ré emquanto a canôa, acossada pela metralha da bateria, seguia rapida na direcção do *Paraguary* ao qual atracou sem novidade.

Decorreram longos e interminaveis os minutos de ancia nessa expectativa e só quando os rôlos de fumo negro e espesso começaram a elevar-se do interior desse elegante navio, descobri outra vez a canôa.

No mesmo instante rompeu de novo o fogo da bateria paraguaya ; a metralha rodeava e cobria o heroico *guig*, que passando incólume por meio das balas fez jús nesse brilhante feito ao appellido de *encouraçado* com que anteriormente o baptisára a guarnição.

. . . . . .

Sabes que detésto a hypocrisia dessa especie de devotos farcistas cuja religião é toda ostensiva, mas sabes tambem quanto é pura e sincera a minha crença em Deus, o nosso Senhor e Páe Misericordioso.

Pois bem, a minha emoção subiu de ponto

ao presenciar o perigo que corriam n'aquelle momento esses sete irmãos corajósos que assim affrontavam a morte no unico fito de cumprir ordens.

Fîz pois signal chamando o tambor e o clarim postados sob o passadiço e mandei tocar á oração !

Em meio do trôar dos canhões, todos nós descobertos e com os olhos fitos n'aquelles bravos companheiros, supplicavamos ao Todo Poderoso que os trouxesse a salvo !

E assim succedeu.

Todos sete regressaram sãos e salvos, mas só cinco remavam ainda porque o sexto remo fôra attingido junto á pá e arrojado pela borda opposta !

E digam que não ha milagres !

Ao atracarem a bordo fui recebel-os ao portaló e de coração alcei um enthusiastico *viva* ao Guardião Antonio de Souza e á guarnição da canôa, abraçando a todos, um por um, no meio da maior alegria e da commoção geral.

Apertou-se-me o coração por não ter nada com que galardoal-os em quadra de *meia ração*, porem entrando na camara em busca de qualquer brinde encontrei uma caixa de charutos.

Fil-a abrir e na tolda os distribui dando 6 a cada marinheiro e 14 ao Guardião.

Um presente principesco !



Vapor inimigo PARAGUARY incendiado. JEQUITINHONHA. Chata. Nossa canôa regressando. Canhoneira ARAGUARY. Ponta de Santa Catalina com o abarracamento paraguayo.

O fundo do quadro é a bateria do Riachuelo fazendo fogo sobre nós.

Nesse interim, pairando sobre machina junto a Punta de Santa Catalina, ahi me conservei regosijando-se todos com as sucessivas explosões que se davam no *Paraguary* e que arrojavam destróços a grande altura em meio das chammas cada vez mais vivas.

Afinal deu-se a ultima e formidavel explosão do proprio paiol da polvora, e a fogueira interna começou a extinguir-se.

Só então desci a reunir-me á esquadra.

. . . . . .

Quasi me esquecia de fallar-te nos meus prisioneiros.

Desde o dia 12 que são municiados (alimentados) como as nossas praças, e, segundo minhas ordens expressamente dadas com a guarnição em fórma, não se lhes faz sentir em absoluto qualquer tratamento hostil.

Comem em dous ranchos de 9 cada um, para evitar qualquer attrito com os meus homens, e se tiveres a curiosidade de perguntar-me onde comem os *dous outros*, dir-te hei que na enfermaria.

Pois queres crêr que dos 20 que o Meunier escolheu no *Marquez de Olinda* para a primeira barcada, todos lépidos e ageis no andar, um estava com o braço em frangalhos e outro com um olho arrancado !!!

E nem sequer gemiam...

O que a respeito dos outros me contou o immediato, é typico.

Durante a expedição do *guig* elles se mostraram indifferentes, porem quando mandei tocar á oração, o que elles não podiam entender, notaram comtudo que os nossos estavam de cabeça descoberta e alguns resando alto, pelo que descobriram-se logo e ajoelharam, ficando de olhos baixos...

Pouco depois, ao assistirem á recepção que eu fiz aos expedicionarios, reuniram-se junto ao mastro grande e de physionomia expansiva acompanharam toda a cerimonia a conversarem em guarany, em tom alegre...

« — E quando se deu a explosão do paiol da polvora do *Paraguary*, o que disseram ? — perguntei.

— Nada ! respondeu o Eduardo — Eu os observava na prôa e não percebi nenhuma expressão de susto ou de tristeza. Olharam, e tornaram a sentar-se calados. »

Assim terminou a minha faina do dia 14.

Não te posso dizer se estive vivo ou morto desde as 7 da noite de quarta-feira, 14, até ás 7 da manhã de quinta, 15 do mez.

Si dormi foi com um somno tal que mesmo a bella Mme *Linch* podia ter vindo até cá cobrir-me de beijos que eu não acordaria.

Mas mudemos de assumpto ; em uma campanha destas nem em sonhos deve-se pensar em cousas tão doces...

Ás 8 da manhã de 15, depois de 12 horas de somno e do delicioso banho frio, pensei nos meus pobres prisioneiros esquecidos no *Marqaez de Olinda.*

Á minha partida no dia 12 eu disséra ao amavel Mister Gibson, o inglez machinista :

« Aguarde Usted un rato que vengo a buscarlo. »

O pobre homem podia pensar que eu o esquecera!

Mandei apromptar a minha invulneravel canôa para ir ao navio chefe lembrar a Barroso o *Marquez de Olinda* e os prisioneiros, porem antes de sahir encontrei-me com o velho Walker que me escorava no portaló para pedir *dous dias*, não de fólga, e sim de trabalho sério, de reparações na machina e limpesa das caldeiras que elle necessitava esvasiar...

Que fazer ?

Isso mesmo fui communicar ao Chefe, mas antes rodeei devagar o meu navio para contar os rombos, achando 23 grandes buracos n'aquelle costado tão liso, tão relusente !

Assim pois mais cinco balas de canhão depois do dia 11 !...

Os dias 15 e 16 foram de reparações e de limpesa geral.

Occupei o meu tempo em visitar os meus 5 feridos (dos quaes dous amputados) e tambem os paraguayos, um amputado e outro sem o olho direito.

Depois lembrei-me de um leitão que eu comprára n'uma *golela*, em Maio, ao subir, e que destinava a um jantar com os camaradas Alvaro e Barbosinha no dia de Sto. Antonio.

Desagradavel noticia me deu o Mestre Bernado:

No proprio dia 13, a segunda bala de *Bruguez* arrancando-nos um pedaço da amurada levou de rôjo o leitão que a ella se arrimára a grunhir de mêdo !

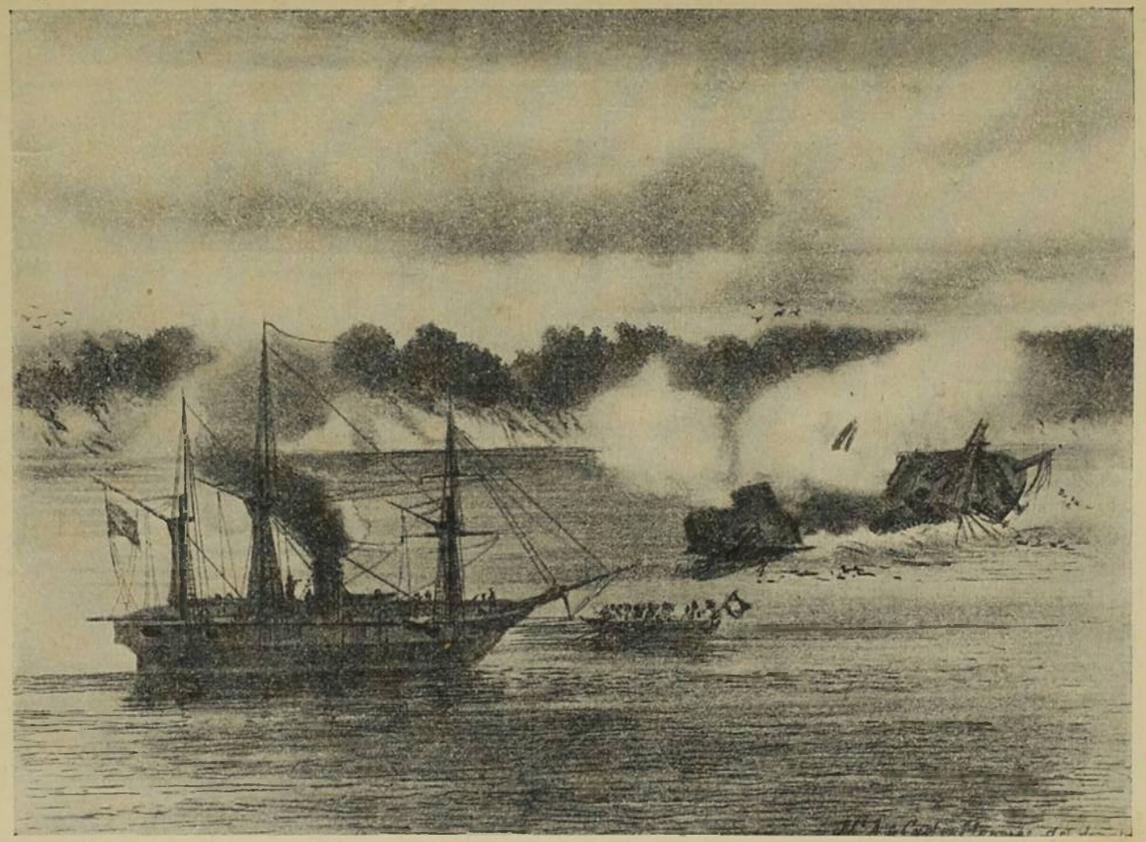
Era pois um covarde esse *chancho*, e portanto indigno de ser comido por tres rapazes como nós...

. . . . . .

Obtida, emfim, a indispensavel permissão do Chefe segui na madrugada de 17 a visitar o *Marquez de Olinda*.

Desde longe extranhei não perceber a bordo nenhum movimento.

Pudéra !... Os meus pseudo prisioneiros em



EPISODIOS DO DIA 17 DE JUNHO DE 1865

Combate naval de Riachuelo.

A canhoneira *Araguary*, commandante Hoonholtz, incendiando o vapor *Marquez de Olinda*.

numero de 34 tinham abalado em procura de novos ares, novos climas...

O amavel *Goddam* construira sem duvida alguma jangada e se raspára com os seus homens e mais todos os valores que puderam arrecadar, deixando sómente intacto o cofre forte por estar fechado e ser muito pesado.

Em summa o casco do navio estava completamente enterrado na areia, e esta o invadira pelos muitos rombos a ponto de cobrir os cylindros da machina.

Dos paióes alagados nada se podia igualmente salvar e na camara e nos camarótes nada restava, nem armamento, nem roupas nem outros objectos, o que me faz suppôr que antes de se escaparem tivessem arrojado tudo ao rio, a menos que durante esses quatro dias de abandono alguma embarcação os houvesse soccorrido sem que a esquadra d'isso se apercebesse...

Talvez a *Dollorel*, quando desceu...

A muito custo consegui transportar a tal burra, cuja chave não encontramos em parte alguma.

Si ahi ainda existisse o dinheiro brazileiro que o Governo remettia para Matto Grosso, que bom presente para o nosso Thezouro !

Na impossibilidade absoluta de transportar

para bordo as 6 peças de 32 das quaes duas jaziam desmontadas, resolvi inutilisar o casco pelo incendio.

Logo que o fogo lavrou com força abandonei o desgraçado *Marquez de Ollnda*, só desta fórma purificado da mácula infamante com que deshonrou o nome d'esse illustre brazileiro convertendo-se em instrumento de destruição de seus compatriotas; mas antes de regressar ao fundeadouro tive a boa inspiração de descer até uma volta do rio onde o vigia dos váos distinguia barracas de campanha sobre a barranca.

Ora essa !

A primeira cousa que vi foi a bandeira paraguaya a tremular n'um alto mastro em meio de uma bateria, — não mascarada como a de Riachuelo — mas apenas visivel por tráz de trincheiras de barro vermelho...

Parei em distancia para fazer o meu croquis dessa nova posição, excellentemente escolhida pelo inimigo por dominar a cavalleiro o canal nevegavel ; feito isto saudei-a com um tiro bem certeiro do meu magnifico rodisio de prôa, e fazendo a volta fui reunir-me á esquadra, sem ter recebido o troco da minha gentileza.

De bordo do *Amazonas* via-se a fumaça do incendio e ouvira-se o estampido do meu ca-

nhão, mas ninguem contava com a minha descoberta, como me disse o commandante Britto.

Chamado á camara o pratico Bernardino Gustavino deu-se ahi uma pequena discussão porque o Montóvia, meu vaqueano, designára a ponta com o nome de *Santa Maria*, e Bernardino asseverava que eu não podia ter chegado até ahi.

Encurtando razões, tracei sobre uma folha de papel o meu itinerario desde a esquadra até essa curva-do rio e então o Bernardino declarou que na verdade reconhecia agora esse difficil passo, mas que o nome da barranca estava errado sendo *Mercedes* e não Sta Maria.

Questão de nome !

Barroso ficou de máo humor quando lhe expuz o que vira e tambem o quanto me desgostára a fuga dos prisioneiros, cousa aliás de prêver nos longos 4 dias de liberdade.

Soffre-se neste mundo cada decepção !

Ao transpôr o portaló do *Amazonas* eu me sentia satisfeito de poder prevenir o Chefe da existencia d'aquella bateria que ninguem suspeitava alli tão proxima, e que, no meu entender, deviamos desmantelar ou desalojar quanto antes, porisso que, embaigando a passagem aguas-acima dos transportes de viveres e de munições, bloqueava a esquadra bloqueadora !

No meu *croquis* assignalei mesmo a posição da *Araguary* no momento de disparar o canhão de 68, e expliquei n'uma nota que a bomba attingira o acampamento, estourando por cima da barranca, e que a bateria não me respondera, sem duvida por conhecer o Commandante paraguayo que suas balas, de menor calibre, não me alcançariam.

Que melhor prova do que esta, de que desse logar a esquadra poderia desalojal-os sem correr o menor risco?...

Pois bem; sabes o resultado dessa minha proposta?

O Chefe zangou-se com o meu parecer e retrucou : A Urquiza e Paunero compete correl-os d'alli para fóra; eu não tenho munições para desperdiçar com a gente de terra... »

Como a mim nunca passára pela mente a idéa de que essa bateria nos obrigasse a fugir para baixo, ponderei respeitosamente que á *Araguary* não faltavam munições, porisso que de uma só *chata* eu arrecadára 152 bombas e 86 balas rasas com a competente polvora em bons cartuchos, tudo para o calïbre 68 que é justamente o dos meus rodisios. »

Assistiam á minha conferencia com o Chefe : o Commandante Britto e o Coronel Bruce — Commandante da Brigada de reforço da esqua-

dra — e este ao ouvir a minha observação exclamou alegremente :

« Pois si ha munições, fogo n'elles ! »

Barroso - que já estava de máo humor - replicou :

« Eu sei o que devo fazer ! » e voltando-se para o Brittinho ordenou-lhe que mandasse içar o signal chamando os commandantes, e, emquanto não vinham fizesse arrombar o cofre forte que eu trouxera do *Marquez de Olinda* e que fôra collocado na tolda.

Ao sahir da camara eu estava muito aborrecido pelo desagradavel acolhimento e para distrahir-me fui indagar da saude do meu prisioneiro, o Commandante *Robles* ; só então soube que morrera no dia 14 apesar de ter sido logo amputado do braço e convenientemente pensado da outra ferida.

. . . . . .

Aberta a burra ninguem poude dissimular a natural curiosidade, e todos nós, agrupados em róda e de olhos arregalados, esperavamos vêr o commissario sacar do interior os gróssos maços de centenas de contos de réis que esse nosso paquete transportava em Novembro para Matto Grosso quando, como sabes, em plena paz Solano Lopez o aprisionou e com elle ao Commandante Mangabeira a ao Presidente d'aquella provincia, Coronel Carneiro de Campos.

Com effeito tal dinheiro, todo em papel, não tendo curso senão no Brazil, de nada lhes podia servir e porisso talvez continuasse guardado na burra.

Mas qual ! nem uma cédula restava...

Apenas dentro de uma pequena gaveta existiam 10 ou 12 patacões (columnarios hespanhóes e outros mexicanos) que *Barroso* distribuiu entre os presentes para lembrança do Riachuelo.

A mim tocou um patacão mexicano do valor de 1$800rs, do qual te farei mimo quando regressar... si regressar.

Debandamo-nos a rir d'aquelle logro e d'aquella pobresa franciscana.

. . . . . .

No dia seguinte, 18, primeiro domingo depois da batalha, suspendemos á 1 hora da tarde, não para ir bombardear a bateria como eu propuzéra e tanto desejava, mas para forçar aguas-abaixo o passo de Mercedes !

Segundo a ordem terminante do Chefe todo o pessoal devia recolher-se ás cobertas durante a passagem.

Já se vê que tal ordem não se entendia com os commandantes, que todos se mantiveram firmes nos seus póstos de honra sobre os passadiços.

Na tolda da *Araguary* determinei que só

ficassem os dous homens do leme, as guarnições dos rodisios e alguns bons atiradores do 9º Batalhão, para, á sombra das amuradas hostilisarem os inimigos postados na barranca.

Ás 2 horas o testa da columna disparou os seus canhões e logo os paraguayos romperam um fogo tão vivo de artilheria e fuzilaria que sem-a precaução de abrigar as guarnições abaixo das cobertas perderiamos a maior parte da nossa gente.

Antes porem de chegar o meu turno de entrar em fogo vejo de repente todo o mundo a subir outra vez para a tolda, tanto os officiaes como os marinheiros.

Furioso, ordenei-lhes que descessem ; mas os officiaes ponderaram que seria indecoroso deixarem-me sósinho em cima ; e pelo lado de vante um Imperial Marinheiro muito pernostico porem muito destemido, o Januario da Cruz, alçando a vóz quiz fazer um discurso, bradando : « Saberá V. S. que nois não semo mió que Vossa Sinhoria... » mas eu cortei-lhe a palavra batendo o pé e gritando zangado : — Cále-se ! não quero discursos, e todos já para baixo... Eu preciso muito de vocês e não quero vel-os morrer como moscas e sem gloria alguma ! »

O mestre Bernardo fez trillar o apito e a guarnição foi-se recolhendo vagarosamente á

coberta, acompanhada pelos atiradores do exercito e pelos serventes dos rodisios, que, para consolar os reclamantes, eu mandei que tambem descessem conservando somente os chefes de peça para disparal-as quando as pontarias por elevação coincidissem com a direcção da bateria inimiga.

Aos officiaes pedi que não déssem o exemplo da desobediencia e ponderei-lhes que eu incorreria em justa censura si não fizesse cumprir as ordens do Chefe.

Obedeceram ; esvasiou-se a tolda, e, descarregados os rodisios, fiquei só com os dous homens do leme, estes porem abrigados da fuzilaria por uma boa trincheira de saccos de areia.

Durante a passagem o pratico occupou o seu posto no costado de Estibordo, onde desta vez eu levava atracada uma chata na qual tomaram lugar dous timoneiros de reserva para algum caso imprevisto.

Quem no passadiço não teve abrigo nem quiz trincheiras foi o Commandante...

. . . . . .

A alta barranca de Mercedes, em uma extensão de 2 milhas, estava litteralmente occupada pelas forças de *Robles*, e não exaggero calculando em *cinco mil homens* os atiradores que pela beira se extendiam secundando a artilheria.

Imagina esse *feu roulant* durante uma hora, dominando o convéz dos nossos navios !

Quando acabei de atravessar esse sector de fogo deu-se um facto digno se contar-te.

Officiaes e marinheiros espirraram das escotilhas, mais assustados do que nós tres que nos conservamos em cima, suppondo todos que me achariam estendido, morto, ou ao menos gravemente ferido.

Deparando commigo, em pé, alegre, no passadiço, fizeram um berreiro de mil demonios soltando brados de alegria ; vivas ; acclamações ; abraços, que eu mesmo nem sabia como agradecer !

Os officiaes invadindo o passadiço exclamavam :

— Commandante, as balas cahiam no convéz como chuva de pedra... Nós nunca julgamos que o Sr. escapasse !...

« É a minha boa estrella!... » respondi eu, e accrescentei baixinho : « A fé em Deus, e no retrato de minha boa mãe que trago sobre o coração !... »

A passagem foi morósa por causa da caipóra *Parnahyba*, e apesar da prudente medida de abrigar as nossas guarnições, comtudo tivemos a lamentar a perda sensivel de um Comman-

dante, o Capitão-Tenente Bonifacio de Santa Anna, do *Beberibe*; e de um Imperial Marinheiro ; alem de 12 praças feridas em toda a esquadra.

O meu pessoal nada soffreu, somente o navio levou mais duas balas de artilheria no costado de bombordo, e teve o convéz, amuradas e escaleres crivados de balas de fuzil que me escangalharam as lanternas de signaes e os vidros das gayutas.

Pouca cousa para tanto barulho.

Depois de fundearmos no Rincon de Zeballos fui, como era de meu dever, a bordo do navio chefe, onde encontrei-me com os demais commandantes e entre elles figurando o Gonçalves Duarte, meu companheiro de turma Academica e immediato do *Beberibe* cujo commando assumira ao cahir morto o Bonifacio, attingido na cabeça por uma bala da barranca.

Recapitulando .

Até hoje, 22 de Junho, tenho perdido 4 homens mortos, 2 na acção e 2 mais tarde, entre os 5 gravemente feridos, o que perfáz o numero de 7 praças fóra de combate.

Nos dias 11, 13, 14, e na passagem de 18, a *Araguary* recebeu no costado, em ambos os

bordos, justamente 25 balas de canhão e mais 5 no canudo, 1 na cozinha, 3 nos escaleres e varias outras nos mastros e apparelho, alem de um numero de balas de fuzil difficil de contar.

. . . . . .

Vou agora occupar tua attenção com os meus officiaes pois que sem elles eu ficaria de braços amarrados.

Não direi que excederam a minha expectativa, por que eu nunca os suppuz menos bravos e menos enthusiastas do que se mostraram em tão longas horas de perigo sério, mas peço-te que guardes os seus nomes como de valentes que se collocaram muito acima dos elogios da pragmatica.

O Eduardo de Oliveira, meu immediato, cujo posto é a prôa para o serviço das ancoras, dirigia ao mesmo tempo o rodisio de vante, e suas pontarias sempre certeiras, eram feitas com o mesmo inalteravel sangue-frio dos exercicios de tiro ao alvo.

O Meunier, no segundo rodisio, eo Castro Menezes no terceiro, disputavam a primasia na rapidez dos disparos e no effeito destruidor dos seus canhões.

O Guarda-Marinha Rodrigo de Lamare servia as minhas ordens, e do seu posto na tolda, junto á escada do passadiço, tinha frequentemente de

dirigir-se para ávante ou para ré afim de transmittil-as quando o ruido da batalha abafava a minha vóz ; o que sempre executou sem perturbar-se.

O 1º Machinista Walker nunca abandonou o seu lugar na machina apesar de visitado por duas balas de 32, uma que rastejou as caldeiras e outra que morreu abafada na carvoeira ; graças ao seu zelo foi sempre mantida sufficiente pressão nas caldeiras.

O Dr. Soares Pinto, incansaval em attender aos curativos dos feridos, passou tambem por um bom susto quando uma bala atravessando o costado penetrou na Enfermaria e quebrou uma porção de vidros.

Contou o enfermeiro que o Dr. déra um pulo e vendo aquelle destroço exclamára : « Oh, que pena !... Lá se foram os meus remedios !... »

O Commissario Manoel Candido, no paiól da polvora, e o Escrivão Creoncides no das bombas, mantiveram tal ordem no fornecimento das munições que nunca os carregadores se queixaram de demóra.

Emfim, do contingente do Exercito o que posso dizer, é que no meu navio só o uniforme distinguia as corporações.

A mais leal amisade reinou sempre entre marinha e exercito, e si durante o largo tempo

de convivencia no limitado espaço de uma canhoneira nenhum choque nem attricto interrompera as nossas cordiaes relações, não admira que debaixo de fogo combatessemos inspirados pelos mesmo enthusiasmo de defensores da patria.

O Tenente Silva e Sá, do 9º batalhão com seus officiaes : Erasmo de Moura, Bion, Ferreira de Aguiar, Faria e outros, uns nas peças de 32, e outros nas de desembarque, ou dirigindo o fogo da fuzilaria nas occasiões apropriadas, encheram-me as medidas.

Agora para fechar : Ante-hontem, obtida a indispensavel permissão, transbordei com immenso trabalho para bordo da galharda *Araguary* o magnifico rodisio de 68 da *chāla* que já me havia abarrotado os paióes com suas munições.

Como a peça é do mesmo fabricante das minhas a carreta adaptou-se perfeitamente aos trilhos vagos da tolda, completando assim o meu armamento com 4 rodisios de 68.

Feito isto mandei pintar de encarnado a carreta e o canhão e guarneci-o com 10 dos meus prisioneiros, sendo porem os carregadores e chefes de peça Imperiaes Marinheiros bons artilheiros.

Não me accuses de crueldade em empregar prisioneiros nesse mistér.

Isto não é mais do que uma justa represalia, pois que o primeiro navio que nos hostilisou foi o nosso *Marquez de Olinda*, cuja tripulação brazileira, duramente tratada, seviciada a todo o pretexto, fôra conservada a bordo guarnecendo a artilheria e morrera dizimada pelos nossos projectis !

Isto é facto verificado e relatado inconscientemente por estes vinte paraguayos que no meu navio são tratados como se brazileiros fossem...

Não creias, meu Fritz, que estes soldados boçáes conheçam o patriotismo ; batem-se porque assim apráz al *Supremo Mariscal* ; eis tudo.

A scentelha divina que se chama o amor da patria e que irradia vehemente do coração brazileiro ao vêl-a aggredida, ludibriada, é cousa que não existe na massa do povo paraguayo, e a próva é o terror com que ouviram dizer que seriam recambiados a Lopez.

Do que fôr succedendo te irei informando com a mesma minucia, e termino hoje com a seguinte recommendação : lê, envia sem tardar esta papelada á nossa boa Mãe e ella que fique sendo a depositaria destes meus diarios em forma de cartas, para que eu possa deliciar-me na minha

velhice com a recordação dos mais interessantes episodios desta Campanha, que promette ser longa.

Teu irmão e amigo,
Antonio L. von Hoonholtz.

P.-S.

Em seguida mando a relação exacta dos mortos e feridos em nossa esquadra, segundo os dados colhidos pessoalmente em visita que fiz a cada navio.

Amazonas	14	mortos e	21	feridos
Jequitinhonha...	18	—	32	—
Beberibe.....	7	—	15	—
Belmonte.....	9	—	22	—
Parnahyba.....	33	—	28	—
Araguary	2	—	5	—
Mearim.....	2	—	7	—
Ypiranga	1	—	5	—
Iguatemy.....	1	—	6	—
	87	mortos e	141	feridos

A *Parnahyba* teve 20 extraviados, cahidos no rio, dos quáes ás 11 horas da noite salvei 6 debaixo da barranca.

Assim pois perdemos : 87 + 141 + 14, isto é, 242 homens fóra de combate.

PARTE OFFICIAL

(Esta parte, entregue no dia 15, foi devolvida com o pedido de resumil-a!)

BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

Parte official do Commandante da Canhoneira *Araguary*, 1º Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz (Hoje Almirante Barão de Teffé).

Bordo da Canhoneira *Araguary*, abaixo de Riachuelo, 15 de Junho de 1865.

Illmo. Exmo. Sr.

Em cumprimento á ordem de V. Ex. para dar-lhe uma parte minuciosa das occurrencias havidas na canhoneira do meu commando durante as nove horas de combate do dia 11 de Junho corrente contra a esquadra paraguaya (protegida pela formidavel bateria da barranca do Riachuelo, debaixo da qual ella tomára uma forte posição) cábe-me informar o seguinte :

Logo que V. Ex. desceu com o signal de bater o inimigo içado na fragata *Amazonas* — isto por volta do meio-dia e depois de duas horas de fogo

para desalojar á *Mezza* — tratei immediatamente de occupar o meu lugar na linha e segui a toda a força na pôpa da *Mearim*, debaixo de um fogo vivissimo de artilharia e fuzilaria e respondendo com extrema vivacidade, graças á exercitada guarnição dos meus tres rodisios de 68 e das 2 peças de 32 com as de campanha, que de antemão eu mandára collocar a Bombordo, e cada uma das quaes estava sob a direcção de um official do navio.

Tendo porem suspendido do Riachuelo a esquadra inimiga, que subia justamente na occasião de minha chegada ao lugar mais estreito, entre o banco da Palomera e a bateria, vi de repente a *Araguary* atacada por tres dos seus vapores, na intenção de abordal-a, a ponto de approximar-se o maior — que disse o pratico ser o *Taquary* — a 8 ou 10 braças do costado de Bombordo desta canhoneira ; mas, felizmente, os tres grossos canhões que estavam carregados com bala e metralha sendo disparados á queima roupa fizeram-n'o arribar incontinenti para o seu Estibordo, e assim consegui transpôr, sob um chuveiro de balas, o passo mais apertado, dando volta para cima apenas houve laser e seguindo outra vez nas aguas do naviochefe afim de bater novamente o inimigo e soccorrer a *Parnahyba*, que não pudéra evitar a abordagem dos tres vapores que acima mencionei.

Navegava a *Araguary* junto á pôpa do *Amazonas* na occasião em que V. Ex. galhardamente mettia a prôa sobre dous dos vapores inimigos, lançando-os fóra do canal ; mas vendo que ahi pouco me restava a fazer investi sobre o *Paraguary*, contra o qual usei somente da metralha por vêl-o encalhado, e depois deixando-o ao *Ypiranga* subi a toda a força em perseguição dos quatro vapores restantes que á grande distancia se escapavam rio acima.

Neste intento approximei-me do *Beberibe*, que tambem os perseguia, e por elle passando declarei ao Commandante a minha resolução, dando então esse navio mais força para acompanhar a canhoneira do meu commando.

Subimos assim juntos por algum tempo até que, parando o *Beberibe*, continuei sósinho a perseguir os quatro vapores fazendo-lhes um fogo incessante, do qual resultou ficar o *Taquary* (navio chefe inimigo) com toda a pôpa arrombada, o que obrigou-o a tomar o lugar de outro vapor, tambem de dous canos, que passou a cobrir-lhe a retaguarda.

Ás 5 1/2 horas, vendo-me só, a grande distancia de *Beberibe* cuja marcha era muito lenta, e achando-me a muitas milhas da nossa esquadra, fui obrigado a parar por conhecer a imprudencia e mesmo loucura de ir batel-os de noite,

entre bancos e com tanta desproporção, sem esperança de auxilio pela distancia a que já me encontrava dos demais navios nossos.

Esperei, comtudo, no mesmo lugar até que se approximasse o *Beberibe*, cujo Commandante me repetiu a ordem de regressar, que executei descendo com elle para junto do *Jequitinhonha*, onde tomei posição de modo a protegel-o com o fogo da nossa artilheria contra as baterias de terra, que de quando em quando ainda lhe faziam alguns disparos certeiros.

Logo que conseguimos fazer calar a bateria da barranca approximei a minha canhoneira da margem inimiga e ahi tomei quatro das grandes chalanas ou *chatas* que encontrei cheias de munições bellicas e montando rodisios de 68 e 80.

Em duas dessas baterias fluctuantes as peças estavam encravadas ; a terceira, porem, tinha o canhão perfeito, assim como a quarta, que estando occulta dentro do riacho (Riachuelo) ainda conservava parte da guarnição, que fugio com-o escuro da noite.

Ao amanhecer de 12 do corrente, depois de ter fundeado as quatro chatas no lugar ordenado por V. Ex., segui até junto da canhoneira *Parnahyba*, na qual deixeï o cirurgião do meu navio Dr. Soares Pinto, porisso que o medico de bordo baixára dias antes doente, para Buenos-Aires.

Feito isto dirigi-me ao vapor *Marquez de Olinda*, no qual subi trazendo 21 prisioneiros entre os quaes o Commandante Esequiel Robles, irmão mais velho de General em chefe de exercito inimigo; em seguida mandei içar ontra vez a bandeira brezileira, que, desgraçadamente, por tanto tempo deixára de tremular na pôpa desse infeliz paquete.

. . . . . .

Depois dos successos dos dias 11 e 12 que acabo de resumir, ainda se deram nesta canhoneira diversos factos importantes que não podem passar desapercebidos, e pois cumpre-me leval-os ao conhecimento de V. Ex.

Tendo recebido ordem para no dia 13 coadjuvar o Commandante da fragata *Amazonas* na faina de safar o *Jequitinhonha* que encalhára durante o combate debaixo das baterias inimigas, para ahi me dirigi e fundeando no lugar mais conveniente com 45 braças de amarra, tomei um bom virador da pôpa do dito *Jequitinhonha* e emquanto dava toda a força á machina fazia ao mesmo tempo virar o cabrestante a metter a amarra dentro para vêr se conseguia arrancal-o do banco... mas em vão.

Pouco depois do meio-dia recebi ordem de parar a machina e de recolher a tripulação do dito vapor, não só com o fim de allivial-o como tam-

bem para podermos sahir da posição perigosissima em que nos achavamos e que se tornaria critica se novo ataque partisse das barrancas proximas.

Com effeito, ás 2 horas da tarde percebeu o Mestre desta canhoneira que havia movimento de gente debaixo do arvoredo onde estivera a bateria paraguaya, e dando-me disso parte fui depressa á prôa verificar a noticia, e vi, com effeito, a menos de uma amarra de distancia, uma peça de bronze longa, guarnecida por 7 homens, quatro abaixados (de cócaras) e dous de pé ao lado de chefe da peça, que parecia escorval-o.

Não havia tempo a perder, porisso, emquanto não a disparavam chamei sem barulho a guarnição de um rodisio e fazendo a pontaria disparei-a. eu mesmo ; mas antes que se dissipasse o fumo e nos deixasse avaliar o effeito da bala e metralha com que estava carregada a nossa peça um chuveiro de balas de artilheria cahiu sobre nós, arrebentando dous cabeços da amurada, a rêde de abordagem, fazendo muitas outras avarias no apparelhe e no costado, e, peiór que tudo isto, arrojando ao convéz um servente do rodisio com um braço arrancado.

A peça alvejada fôra realmente desmontada, porem alem della já os paraguayos haviam assestado ahi outras 10 ou 12, occultas por tráz do

matto no mesmo lugar da bateria inutilisada no dia 11.

Esperei alguns minutos a vêr se me seria possivel mandar o unico escaler em estado de servir a bordo do vapor encalhado para trazer o resto de sua guarnição, mas o fogo da nova bateria era tão vivo que debaixo do rugido infernal das balas tive de mandar cortar o virador do reboque, e, largando a amarra sobre bóia afastar a canhoneira para a margem opposta, onde, pairando, continuamos a bater o inimigo com bombas e balas rasas.

Ahi nos conservamos até que, ao escurecer, calada a bateria, pude approximar-me de novo do *Jequitinhonha*, recebendo delle o Commandante Britto (da fragata *Amazonas*) e cerca de 100 praças entre soldados e marinheiros.

Feito isto pretendia descer até o ancoradouro do navio chefe, como antes já tinham descido as canhoneiras *Igualemy*, *Ypiranga* e *Mearim*, mesmo por ser esta a ordem de V. Ex., porem pedindo o Commandante do *Beberibe* que ficasse a *Araguary* junto delle até que o luar clareasse o canal, assim o fiz com a devida permissão do Commandante Britto, conservando-me fundeado pela prôa do dito *Beberibe* e com elle descendo para este ponto ás 2 horas da madrugada de 14.

Ás 6 horas dessa mesma manhã de 14 do cor-

rente subi outra vez, por ordem de V. Ex, afim de inutilisar a *chata* que ficára fundeada junto do *Jequitinhonha*, bem como incendiar, se possivel fosse, o *Paraguary*.

Dei fundo acima da barranca do Riachuelo e mandei apromptar a minha canôa com o material proprio a incendiar o vapor, tripolando-a com o Guardião Antonio de Souza e os Imperiaes Marinheiros de 3ª classe Antonio de Souza Ferreira, Theotonio José Joaquim, Agostinho Pio, Germano João Marques, Epiphanio Manoel da Encarnação, e o da 2ª Januario da Cruz.

Neste entretanto notaram os *vigias* das gaveas, grande movimento de gente em terra, e meia hora depois annunciaram que marchavam occultos pelo bosque dous batalhões que se dirigiam a occupar os fóssos situados na barranca proxima, a umas vinte braças abaixo deste navio. Na posição que occupavamos seriamos caçados pelos atiradores escondidos dentro das vallas, e ficaria a, *Araguary* collocada entre dous fógos logo que do lado superior o inimigo rompesse o ataque com as suas peças de campanha.

Seria inepto da minha parte conservar-me ahi, porisso resolvi suspender o ferro e cahir a ré, mandando nesse entrementes largar a canôa, depois de dar instrucções claras e terminantes ao Guardião e de munir cada homem com um

collete salva-vidas para o caso de ir ella a pique.

Emquanto suspendiamos fomos effectivamente aggredidos, rompendo de terra o fogo assim que os paraguayos viram que lhes frustravamos o plano de cortar-nos a retirada ; mas como as balas mal dirigidas não attingiam esta canhoneira convergiram suas pontarias sobre a impávida canôa com um encarniçamento proprio de barbaros, poisque abrigados pelas trincheiras, aproveitavam esse momento propicio para se vingarem em meia duzia de bravos da estrondosa derrota soffrida por sua esquadra !

Felizmente a Divina Providencia protegeu a intrepida guarnição da canôa, a qual debaixo da metralhada inimiga conseguiu desmanilhar e largar por mão a amarra da chata afim de fazel-a cahir aguas abaixo com a correnteza ; depois do que ainda seguiu rio acima até o vapor *Paraguary*, ao qual incendiou com a agua-raz, estôpa e velas mixtas de que fôra bem provido o Guardião Antonio de Souza.

Feito isto regressaram os expedicionarios á força de remos, sempre acossados por um fogo de artilheria desesperador, que fazia espirrar a agua em torno delles a ponto de molhar toda a tripulação do *guig*.

Ao atracarem a bordo recebi-os ao portaló levantando vivas ao Guardião e seus compa

nheiros, os quaes recommendo a V. Ex. pelo procedimento heroico que tiveram nessa arriscada commissão.

As perdas em pessoal no navio de meu commando foram de *seis* homens apenas, sendo dous mortos instantaneamente e quatro com ferimentos graves.

Quanto aos prejuisos materiaes constam elles de 23 rombos de balas de artilheria no casco, 5 no canudo ou chaminé da machina e 3 nos escaleres, afóra as avarias no apparelho e mastreação, bem como innumeros rombos menores causados pela metralha e balas de fuzil nas bórdas e no passadiço do commando.

Antes de concluir peço permissão a V. Ex. para felicital-o pela intrepidez e sangue frio com que se portaram os officiaes tanto da Armada como de Exercito pertencentes a este navio, e bemassim os inferiores e praças da guarnição.

Os officiaes de bordo, Sr. Eduardo de Oliveira (meu immediato) e Tenentes Meunier Gonçalves e Castro Menezes dirigiram com a maior pericia as pontarias da grossa artilheria cujo fogo era rapido e certeiro ; devo da mesma forma referir-me aos Tenentes do Exercito Sá, Erasmo de Moura e Bion que manobraram perfeitamente suas peças de campanha e souberam aproveitar

os momentos opportunos para as descargas da fuzilaria estendida ao longo da borda falsa.

O Guarda-Marinha Rodrigo de Lamare, como meu ajudante d'ordens, desenvolveu rara actividade e manifestou coragem e muita calma nas occasiões em que, debaixo do mais vivo fogo, tinha de levar minhas ordens aos officiaes postados nos pontos extremos do navio.

O Commissario Manoel Candido, no paiol da polvora, e o Escrivão Créoncides na tolda, distribuindo as bombas, souberam manter em tão importante serviço a mais perfeita ordem e abastecer abundantemente a artilheria durante todo esse dia de combate.

Emfim, o Machinista Walker e o seu pessoal conservaram sempre sufficiente vapor nas caldeiras, o que permittiu-me manobrar como melhor entendia sem nunca ser obrigado, por falta de pressão, a retardar meus movimentos, e isto não obstante os rombos soffridos nas carvoeiras e até numa das caldeiras.

Sobre o Pratico do rio, que é paisano e estrangeiro, trato em officio especial.

. . . . . .

Termino pedindo permissão a V. Ex. para offerecer-lhe a planta que levantei do trecho de rio Paraná onde se deu a batalha naval do dia 11.

Deponho igualmente nas mãos de V. Ex.

como é de meu dever, a Bandeira Paraguaya acompanhada da respectiva flamula, que indevidamente se ostentavam no penól e no tópe grande do mal aventurado vapor *Marquez de Olinda*, arriadas por minha ordem quando delle tomei posse e fiz os cincoenta e cinco prisioueiros, entre os quaes o Commandante *Robles*, que, por estar gravemente ferido e não ter eu na occasião medico para seccorrel-o, foi nesse mesmo dia transportado para a fragata *Amazonas*.

É só o que me occorre informar, embora succintamente, sobre es multiplos successos destes ultimos quatro dias.

Deus guarde a V. Ex.

Exmo. Sr. Chefe de Divisão
Francisco Manoel Barroso
Commandante da Esquadra em Operações.

Observação

Esta foi a 1ª Parte Official, que, *á pedido*, foi resumida e modificada por *parecer longa...*

Sempre a mesma recommendação do chefe :

Relate o que houve, mas *curto*, *sem circumloquios* !

DOCUMENTOS COMPROBATORIOS

DOS

FACTOS CONSTANTES DESTE

DIARIO

TESTEMUNHO INSUSPEITO

DE

IRMÃOS DE ARMAS

SOBRE OS FEITOS DA

« ARAGUARY »

RELATADOS NAS PAGINAS

DESTE OPUSCULO

O bravo e severo Alvaro de Carvalho, Commandante do *Ypiranga*, representando os camaradas da Marinha.

O brilhante e intrepido Major Guimarães Peixoto, Commandante do 1º Batalhão de Infanteria a bordo do *Jequitinhonha*, representando os camaradas do Exercito destacados na esquadra.

(Os autographos, á disposição de quem quizér vêl-os, em poder do Barão de Teffé.)

CARTA

DIRIGIDA AO PRIMEIRO
« TENENTE ALVARO AUGUSTO DE CARVALHO »
COMMANDANTE DO « YPIRANGA »
E RESPOSTA DESTE.

Bordo da Canhoneira *Araguary* no Chimbolar
(Rio Paraná) 27 de Julho de 1865.

Ill^mo S^nr Commandante do vapor de guerra
Ypiranga.

Constando-me por carta de Buenos-Aires, que ahi, entre os despeitados pelos successos da Divisão da Vanguarda, ha quem pretenda pôr em duvida certos serviços relevantes da canhoneira sob meu commando, vou rogar a V. S., companheiro de trabalhos e conhecido na Armada pela severidade de seus juizos, que se digne responder aos quesitos abaixo :

1º Quando no dia 11 de Junho fugiam rio acima os quatro vapores Paraguayos, quaes foram os nossos que lhes deram caça, e qual o que d'elles se approximou e portanto mais se distanciou da nossa esquadra?

2º Na mesma noite da Batalha, qual o navio que foi tomar as quatro chatas (que ainda occupavam a mesma posição debaixo da bateria do

Riachuelo) e pela madrugada conseguiu rebocal-as com seus canhões e munições bellicas até á cancha de Lagraña onde se achava desde a tarde o navio chefe?

3º Qual a posição da *Araguary* durante o dia 13, e de onde rompeu o fogo de artilheria contra as novas baterias inimigas assestadas em frente ao *Jequitinhonha*?

4º Qual o navio que na manhã de 14 tornou a subir sosinho até o Riachuelo para incendiar o *Paraguary* ; si o fez, e si foi hostilisado?

5º Finalmente, qual foi o navio que, explorando o rio em busca do *Marquez de Olinda*, encontrou-o encalhado e aprisionou o commandante e as 54 praças restantes, e depois de incendial-o descobriu a bateria que o exercito de Robles montára na ponta de Sta Maria, ou barranca de Mercedes?

Desejando documentar-me emquanto esses factos recentes se acham vivamente impréssos na imaginação dos companheiros de luta, rogo-lhe que me permitta usar de sua resposta como me convié̱r.

Affectuoso Camarada
Antonio Luiz von Hoonholtz
Commandante da *Araguary*.

RESPOSTA

Bordo de *Ypiranga* no Chimbolá, 30 de Julho de 1865.

Illmo Sr. Commandante da *Araguary*

Não creio que se neguem factos dados hontem, se póde dizer, e que portanto são muito frescos para que se possam ao menos transfigurar.

Conheço porem que aquillo que para nós é real e positivo póde deixar de sel-o para os que de longe miram os acontecimentos que se dão aqui, por um oculo de alcance.

Se esse é o receio que o afflige, e se crê que a minha palavra seja de algum peso, responderei francamente ás suas perguntas, podendo fazer da minha resposta o uso que lhe conviér, certo de que nenhuma só palavra avançarei que não seja verdadeira.

1º A canhoneira *Araguary* deu caça a quatro vapores Paraguayos até a grande distancia do grosso da nossa esquadra, e sendo unicamente seguida pelo *Beberibe* que pela pôpa a acompanhava a boa distancia.

2º Foi a *Araguary* que durante a noite trabalhou em tirar de junto ás barrancas do Riachuelo as quatro chatas que alli se achavam amarradas, transportando-as para baixo da ponta de Sta Catalina.

3º No dia 13 de Junho achava-se a *Araguary* pela pôpa do *Jequitinhoaha* com um virador dado para o mesmo navio para ajudal-o a desencalhar, e nessa posição rompeu o fogo sobre as baterias de terra que assestavão a artilharia sobre o vapor encalhado e ião começar o fogo, como o fiserão ao primeiro tiro da *Araguary*, que teve de cortar o virador e de sustentar o fogo juntamente com a *Mearim*, *Ypiranga* e *Beberibe*, até que, á noite foi tomada a guarnição do *Jequitinhonha*.

4º Foi a *Araguary* que deitou fogo no vapor paraguayo *Paraguary*, no dia 14 de manhã, estando tal vapor encalhado em frente ao Riachuelo, e sendo tal commissão desempenhada debaixo do fogo das baterias paraguayas.

5º Tendo ido a canhoneira *Araguary* rio abaixo procurar o vapor *Marquez de Olinda* que no dia 11 seguira aguas abaixo, voltou depois de ter aprisionado a guarnição que ainda existia e incendiado o dito vapor, que achára encalhado (e inutilisado) um pouco acima da ponta de Sta. Clara (barrancas de Mercedes) e deu parte de que os Paraguayos se fortificavam nas mencionadas barrancas.

Respondidos os cinco quesitos sou como sempre.

Camarada e amigo
Alvaro de Carvalho
Commandante do *Ypiranga*.

Os mesmos quesitos foram assim respondidos pelo Major Guimarães Peixoto :

. . . . . .

« Respondendo aos quesitos apresentados por V. S. tenho a declarar :

1º Que no dia 11, quando fugião os quatro vapores Paraguayos, a canhoneira *Araguary* perseguindo-os passou pelo *Beberibe*, e afastou-se do grosso da esquadra.

2º Que no dia 13 a canhoneira *Araguary* se achava a menos de duas amarras do vapor, *Jequintinhonha*, e empenhada no seu desencalhe quando começou de novo o combate, partindo d'ella o primeiro tiro.

3º Achava-me a bordo do navio Almirante, quando S. Ex. o Sr. Chefe deu a V. S. ordem para incendiar o vapor inimigo *Paraguary*, encalhado em frente ao Riachuelo, tendo essa commissão sido arriscada, porisso que teve de passar a barranca de Sta. Catalina, o que V. S. cumpriu a bordo da canhoneira *Araguary* que tão dignamente commanda.

4º Que foi V. S., quando regressou de uma commissão, quem deu parte que os Paraguayos se tinham fortificado nas barrancas das Mercedes ou Ponta de Sta. Maria.

Creio ter respondido aos quesitos retro mencio-

nados, podendo V. S. fazer desta minha resposta o uso que entender.

Sou de V. S.
Camarada attento e obrigado
Francisco Maria dos Guimarães Peixoto.

Observação

Ao Major Peixoto nada foi perguntado sobre a tomada das quatro chatas por ter sido tal serviço executado á noite e fóra das vistas do *Jequintinhonha*, onde se achava embarcado.

DIA 30 DE JUNHO

Termina hoje o mez mais glorioso para nossa esquadra em operações : o mez do Riachuelo !

Um mez de fogo, fome e péste !

Com effeito, desde o fim de Maio que as febres palustres, a variola e a cholerina disimam as nossas guarnições, e não serei certamente exaggerado si affirmar que temos perdido mais gente de molestias do que nos cinco combates : 25 de Maio, 11, 13, 14 e 18 de Junho.

Isto quanto ao estado sanitario.

Quanto ao conforto...

Si as glorias militares matassem a fome andariamos fartos e anafados como os frades de

S. Bento, mas é que desde o 1º deste mez estamos á meia ração. E qual é esta ração? Carne secca ou bacalháo ; feijão, farinha e arroz ; café, assucar mascavo e bolacha...

Alimentação supportavel quando em bom estado, porem simplesmente repugnante depois de encerrada durante quatro mezes em paióes onde a temperatura é impossivel !

Ora, o trabalho é duro a bordo ; cumpre reparar as enormes avarias soffridas : no casco, nos escaleres, na mastreação, no velame ; cumpre affrontar os gazes mephiticos da margem do Gran Chaco para derrubar o matto e fazer lenha com que alimentar as caldeiras na falta de carvão ; cumpre redobrar de vigilancia durante a noite para evitar qualquer surpresa, como, por exemplo, uma abordagem em canoas, cousa muito possivel de dar-se pois que a margem Correntina está litteralmente occupada pelo exercito inimigo...

E nestas condições as poucas horas de repouso nos são disputadas pelos feróses mosquitos que em nuvens compactas nos assaltam apenas adormecemos.

E nestas condições as provisões-de bocca-reduzidas á metade são insufficientes para organismos já depauperados.

Barrios e Bruguez, á testa de 22 mil homens,

avançam sem a minima opposição pelo territorio dos nossos alliados Argentinos, cujas-cidades e povoações assólam, e, o que ainda é peior para nossa Divisão, assenhoream-se da margem para impedirem a subida dos transportes que devem abastecer-nos.

O forçamento da bateria de Mercedes pouca vantagem nos trouxe, poisque si hontem chegou finalmente até aqui um vapor com mantimentos e um reforço em praças de pret, é já sabido, que, feita a partilha, a quóta que caberá a cada navio será insufficiente para as faltas e os claros nas fileiras.

Por outro lado é tal o medo dos capitães e mestres dos vapores fretados para abastecerem a esquadra que este recem — chegado subiu com mil cautelas, só navegando de noite e mesmo assim diminuindo de força logo que percebia qualquér luz na margem !

Pelo *valente* commandante deste vapor medroso soubemos que em Goya corria a noticia de que-o doce Mariscal Lopez demittira o General Robles do commando do exercito de Corrientes, e,chamando-o a Humaytá o mandára metter a ferros !!!

Actualmente o Commandante em Chefe das forças que nos hostilisam è o cunhado *del Supremo*, o General Barrios, porem este mesmo,

apesar das façanhas que o celebrisaram na invasão de Matto Grosso, é vigiado de perto por espiões do Ministro Bérges, o homem de confiança do Dictador.

Com mil bombas !

Isto é que eu chamo o idéal de um Regimen do arrôcho !

Para não concluir as minhas notas deste mez neste tom lugubre de quem parece vêr tudo negro em redor de si, vou consagrar esta ultima pagina a um caso humoristico passado no dia 11 a bordo do navio capitánea.

Contou-me o Commandante Britto, que por volta do meio-dia, quando o *Amazonas* descia e mais vivo se tornára o fogo, de repente surdiram do alojamento da coberta as mulheres dos soldados (1) que todas juntas e n'uma choradeira infernal correram na direcção do Chefe Barroso, a gritarem, de mãos póstas :

« Si renda, seu Chefe ! p'ró mór di Deus, si renda ! Ninguem póde c'os Paraguaya, seu Chefe de nossa alma ! ... »

Barroso mandou-as ao diabo, e fêl-as encerrar na coberta com sentinella á vista.

(1) Os soldados casados tiveram licença de embarcar com suas mulheres.

No dia seguinte mandou que viessem á sua presença e reprehendeu-as dizendo :

« Com effeito !... Que vergonha ! Pois mulheres de soldados portam-se com tal covardia !...

« Fiquem sabendo : na proxima vez quero vêl-as carregando os cartuchos, ou na enfermaria curando os feridos... »

E ellas se retiraram cobertas de vergonha.

Ó

ALMIRANTE BARROSO

OBRIGADO A RECORRER AOS COMMANDANTES :
DA DIVISÃO DA VANGARDA
PARA DEFENDER-SE DE SEUS DETRACTORES

***

RIACHUELO

Documento interessante.

O Almirante Barão de Amazonas (Barroso) invocando o testemunho do Almirante. Barão de Teffé (von Hoonholtz) sobre certos episodios da Batalha naval de Riachuelo.

Resposta deste ultimo, então Commandante da *Araguary*.

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1877.

Illmo. Exmo. Sr. Almirante Barão do Amazonas.

De volta de uma Commissão hydrographica ao norte deste porto foi-me entregue a carta de V., Ex. datada de Montevidéo em 4 do mez

de Outubro p. p., na qual V. Ex. appella para o meu testemunho presencial sobre certos episodios da memoravel jornada de Riachuelo, factos que V. Ex. resume nos cinco quesitos que passo a responder conforme me dita a memoria.

Ao 1º... (Qual a posição da esquadra paraguaya no começo da acção do dia 11 de Junho de 1865)

Respondo :

Na manhã de 11 de Junho a esquadra paraguaya descendo com as *chatas* a reboque passou sob o vivo fogo da artilheria dos nossos navios, ancorados em linha junto a margem de Chaco em frente ao monumento de Corrientes denominado a *Columna.*

Muito abaixo, dobrando a Punta de Santa Catalina virou aguas arriba e foi collocar-se parallelamente á margem esquerda, em linha de combate, apoiada á barranca de Riachuelo e sob a protecção da bateria, então mascarada pelo bosque. Nessa curva os vapores e terriveis chatas de *Meza* encontraram o mais efficaz auxilio na artilheria de *Bruguez* e na numerosa fuzilaria de *Robles.*

Ao 2º... (A posição da esquadra inimiga não era a mesma quando a esquadra Imperial voltou aguas acima e o *Amazonas* deu a pri-

meira investida no vapor paraguayo *Jejuy* ?)

Respondo :

O lugar da acção era o mesmo, mas então já varios navios paraguayos haviam mudado de posição, continuando sómente as chatas amarradas á margem na curva onde desagua o Riachuelo.

Os vapores que tinham abordado a *Parnahyba* achavam-se manobrando no canal ; o *Paraguary* vira-se obrigado a encalhar no banco da ilha Palomera, e os demais mostravam-se indecisos quando o *Amazonas* investiu sobre o *Jejuy*.

Só então tomaram a fuga os quatro restantes, que completamente desmantelados conseguiram entretanto escapar graças á boa marcha de que eram dotados.

Em nosso poder ficaram : o *Marquez de Olinda*, o *Salto*, o *Paraguary* e o *Jejuy*, alem das *seis chatas*, cada uma das quaes montava um grosso canhão, sendo 2 de 80 e 4 de 68.

Ao 3º... (As investidas que deu o *Amazonas* nos vapores paraguayos foram devidas ao acaso eu intencionalmente ?)

Tenho a dizer :

É notorio, e desde logo se soube na esquadra, que as bicadas de *Amazonas* foram ordenadas propositalmente por V. Ex., que, do alto de

passadiço era visto por todos a dar as ordens para as evoluções da capitánea, com a coragem e sangue frio que nenhum dos combatentes dessa gloriosa jornada poderá jamais esquecer, nem terá nunca a insensatez de negar ou desconhecer no inclito Chefe Barroso.

Ao 4º... (A quem se attribue a iniciativa dessa manobra ?)

É dever meu responder com toda a franquesa, que esse ponto tornou-se controverso em certos circulos, á vista de noticias anonymas que davam a iniciativa dos chóques com a prôa ao pratico Bernardino ; mas, para mim nunca houve duvida a tal respeito porquanto o bravo e sempre chorado camarada Theotonio de Britto, Commandante do *Amazonas*, mais de uma vez me asseverou que de V. Ex. partira a idéa, e a ordem, que por elle fôra executada, de metter a prôa sobre o *Jejuy*, e em seguida sobre o *Sallo*.

Ao 5º,.. (Ouviu dizer que as investidas que metteram a pique vapores paraguayos foram indicadas por vózes que partiram da prôa do *Amazonas* ?)

Respondo :

Este ultimo quesito está satisfactoriamente respondido com o que digo a proposito de 3º e 4º.

Em referencia a vapores mettidos a pique affirmo o que vi quanto ao *Jejuy* e ao *Salto* por passar nessa occasião a *Araguary*, do meu commando, por Bombordo e junto do *Amazonas* ; mas descobrindo ao longe fugindo aguas acima-o navio chefe paraguayo em companhia de *outros tres*, afastei-me de V. Ex. para dar-lhes caça, só regressando ao escurecer.

Acreditando ter satisfeito aos 5 quesitos de sua presadissima carta de 4 de Outubro, sinto-me honrado em poder mais uma vez apresentar a V. Ex. as minhas homenagens de profundo respeito, sincera estima e elevada consideração como

De V. Ex.
Admirador e camarada respeitoso,
Barão de Teffé.

MONUMENTO A BARROSO

TRASLADAÇÃO DA URNA
CONTENDO OS RESTOS DO
ALMIRANTE BARÃO DO AMASONAS
DA
IGREJA DA CRUZ DOS MILITARES
PARA
A CRYPTA DO MONUMENTO
Á
PRAIA DO RUSSEL
EM
11 DE JUNHO DE 1909.

44º ANNIVERSARIO DA BATALHA NAVAL
DO RIACHUELO

Discurso

do Almirante Barão de Teffé ao ser depositada a urna contendo os restos do Almirante Barão do Amazonas na crypta do monumento elevado a Barroso em 11 de Junho de 1909.

Minhas senhoras. Meus senhores.

Usando da palavra nesta solemnidade, não é intuito meu abusar de vossa attenção com a narrativa do feito naval de 11 de junho de 1865.

As mais brilhantes pennas do jornalismo da época se encarregaram de perpetuar os episodios notaveis dessa batalha cruenta, cuja descripção pode ser hoje synthetisada nestas breves palavras :

« Uma pequena esquadra brazileira de nove navios de madeira — lançada a centenas de leguas da patria para operar em um rio crivado de escólhos perigosos e dominado pelo inimigo — bateu-se de sol a sol, e derrotou por completo a esquadra inimiga, composta de 14 unidades.

« Ao escurecer, o combate cessou por falta de combatentes.

« O Brazil perdera totalmente um navio e 300 homens, mas o Paraguay ficára sem a sua esquadra e perdera dous mil homens. »

Pelo simples facto de ser eu um dos dous unicos commandantes sobreviventes de Riachuelo, fui convidado com instancia para fazer-me ouvir nesta cerimonia official ; cabe-me pois aproveitar o ensejo para frizar um ponto que não mereceu a devida attenção dos historiadores da guerra :

— A Vuelta del Riachuelo nos era completamente desconhecida como ponto estrategico.

Barroso, depois de expulsar, a 25 de Maio, da cidade argentina de Corrientes as forças paraguayas de occupação, tomára posição na

margem opposta e a pouca distancia da cidade, em uma cancha, onde o rio, embóra dividido ao meio por um baixio, offerecia sufficiente espaço ás evoluções da esquadra.

Mas o ardiloso inimigo preparára em segredo e longe de nossas vistas o campo de batalha que mais lhe convinha e para o qual manhosamente nos attrahiu dias depois...

Os Generaes Robles e Bruguez, de accôrdo com o Commodoro Mezza, haviam préviamente escolhido uma curva do rio, de canaes tortuósos, entre o banco das ilhas Palomeras e as altas barrancas da margem Correntina.

Numa quebrada, ou depressão do terreno, serpêa ahi um insignificante riacho sem nome — el riachuelo — em frente ao qual, durante um dia inteiro, se desenrolaram scenas de verdadeiro heroismo.

Nessa manhã, 11 de Junho, domingo da Trindade, ao divisarmos o inimigo pela prôa, o recebemos com todas as honras da guerra, e ao passar rio abaixo o saudamos cortezmente á bala e metralha.

Descendo Mezza pelo canal da margem opposta á nossa, esperavamos que, montado o cabeço meridional do banco de areia que sepa-

rava as forças belligerantes, elle tornasse aguas arriba e emparelhar-se comnosco, afim de offerecer-nos franco combate.

Incomprehensivel nos pareceu, portanto, a sua tactica, ao vermos que continuara a descer até occultar-se por trás das ilhas do Chaco.

Nossa esquadra, que durante esse espaço de tempo suspendera ancoras, e, sobre rodas, esperava a sua volta, esperou em vão, pois que dos navios paraguayos só eram visiveis os rôlos de fumo de suas chaminés por cima do mattagal das ilhas.

O Chefe Barroso resolveu, pois, descer tambem e neste sentido fez desfraldar na capitánea o signal :

« Bater o inimigo o mais perto que cada um pudér. »

Uma surpreza nos estava reservada.

Mezza estendera em linha suas 14 unidades, atracando-as á barranca alterósa da margem correntina, sobre a qual 30 canhões mascarados pelo frondoso arvoredo, dezenas de estativas de foguetes a Congrève e milhares de fuzis da infantaria do Exercito, decuplavam o seu poder combativo e o tornavam quasi irreductivel.

. . . . . .

Páro aqui : assás se tem dito e escripto em referencia a esse bello feito naval.

Poetas e litteratos de grande nomeada já espargiram a mãos cheias sobre a fronte dos vencedores as mais odoriferas flores de rhetorica.

O que viria, pois, contar-vos hoje, de novo, um obscuro e velho comparsa desse drama sangrento ?

Antes de proseguir, permitti-me uma ligeira explicação.

Avêsso por indole ás exhibições em publico, não assisti nunca, nos 44 annos decorridos desde então, a nenhuma festa commemorativa dessa data para mim tão cara, e, si hoje, pela primeira vez, aqui me apresento, faço-o impulsionado pelo dever sagrado de prestar a ultima homenagem do meu profundo respeito áquelle que foi meu chefe e meu guia nessa terrivel jornada.

Meus senhores — É com o coração confrangido pela tristesa e-a alma enlutada pela saudade que eu venho encontrar, depois de quasi nove lustros, o vulto homerico do bravo entre os bravos, o Almirante Barroso, encerrado neste minusculo cofre funerario...

Que lição sublime á estulta vaidade humana !

Vêde !... Esta urna de tão exiguas dimensões, não contém as cinzas de um ente nullo, de uma dessas creaturas que nascem e morrem sem ter deixado de si o menor vestigio neste mundo.

Não !... Alli repousa um heróe... E talvez mesmo que tão mesquinho recipiente inda seja de tamanho exaggerado para conter a ossatura de um homem, cujo nome encheu o Brasil inteiro e expandiu-se nas azas da fama até alem dos Andes, e através do Atlantico !

Francisco Manoel Barroso da Silva, o grande Barão do Amazonas, ahi está, nesta pequena urna, onde a acção corrosiva do tempo o reduzirá á pó, terra, cinza e nada !

Bem haja, pois, o Ministro patriota, enthusiasta por sua classe, que para estimulo da moderna geração, fez erguer este monumento, em honra á marinha de outr'ora.

Bem haja o illustrado e infatigavel Almirante Alexandrino de Alencar, que injectou nas veias da Armada entorpecida por condemnavel repouso, o sangue ardente do seu organismo impulsivo ; que despertou-a do lethargo, armando-a com um poder formidavel, que já começa a inquietar o mundo ; e que tem ainda tempo de cuidar nas glorias passadas, fazendo reviver no bronze a figura varonil do vencedor de Riachuelo, para legal-o á posteridade, reconstituido em toda a *sua belleza máscula* !

Convidado, como disse, a expender nesta solemne consagração das glorias de Barroso

as minhas impressões puramente pessoaes, em relação ao homen que fôra meu chefe durante a phase mais critica da campanha, vou desempenhar-me do encargo, dando a palavra á minha consciencia.

Antes da guerra eu só conhecia por tradição os traços mais salientes de seu perfil.

Barroso pertencia á escola da primeira geração de nossa Marinha ; era um disciplinador severo e rude ; rigoroso cumpridor de deveres ; habil manobrista e excellente navegador.

Nada mais era necessario, nesse tempo de commandantes de *tálha ao láes*, para conquistar-se a reputação honrosa e ambicionada de official *palesca*.

Sua viagem ao Pacifico, commandando a corveta *Bahiana*, e montando com felicidade inaudita o tormentoso Cabo de Horn, debaixo de temporal desfeito, consagrou-o *lobo do mar*.

Ao romper a guerra com o Paraguay, o Almirante Tamandaré subdividiu a esquadra estacionada no Rio da Prata em duas divisões, confiando o commando de uma dellas ao Chefe Barroso.

Desta divisão fazia parte a canhoneira *Araguary*, de meu commando.

Vem a proposito consignar aqui certos caracteristicos peculiares a esse chefe e que servem a explicar a situação pouco sympathica de que gosava entre alguns de seus commandados, *antes* do nosso commum baptismo de fogo.

Sua vida austera, seu tom secco e rude, sua physionomia severa, não eram predicados de molde a inspirar sympathia aos mais jovens commandantes. É ridiculo o que vou dizer, mas não importa.

Accresentarei ainda um traço physionomico que me causára impressão desagradavel desde o nosso primeiro encontro ; uma transgressão aos preceitos da moda de então :

Barroso usava a cara toda rapada, o que me parecia anti-esthetico para um almirante brasileiro.

Esta opinião não deve causar espanto á geração actual, por isso que, ha meio seculo, a moda yankee dos homens se desbarbarem não havia invadido o Brasil e muito menos o grupo *smart* da nossa marinha de guerra.

Encurtando razões : *solicitei transferencia para a outra divisão*, onde, no tópe grande do *Jequitinhoha* tremulava um pavilhão que se me afigurava o historico *Pennacho Branco* destinado a conduzir-nos, ardego e impetuoso, aos sitios onde mais rija e feroz se travasse a pugna.

Mas, de erros e decepções está cheia a nosss vida !...

Penitencio-me em publico das minhas apreciações injustas sobre o homem, que, ao relampear dos canhões, despiu inopinadamente a casca grossa de chefe patesca para revelar-se aos nossos olhos maravilhados sob as vestes fulgurantes de um heróe !

Com a mesma franqueza que desde o começo desta succinta narrativa tem servido de norma á exposição de minhas impressões pessoaes sobre Barroso, passarei agora a tratar *do almirante* em seu posto de honra *au plus fort de la mêlée*.

Por volta do meio-dia, quando as peripecias da batalha já nos tinham privado da cooperação de duas unidades das mais pujantes — o *Jequitinhonha* — (quem diria ? encalhado por impericia do pratico) e a *Belmonte*, que, arrombada por uma bala ao lume d'agua fôra obrigada a procurar a salvação em um banco de areia, longe da acção — quando, repito, as nossas sete unidades restantes, dispostas em linha fronteira as forças inimigas de mar e terra, batiam-se com redobrado furor, no intuito de desalojar a esquadra de Mezza de sua base de operações, descobri o *Amazonas* a descrever uma curva para deixar sua posição

na testa de columna e descer majestoso, á meia força, por entre as duas filas de combatentes.

O vulto de Barroso destacava-se imponente sobre a caixa da roda de boreste ; erecto, calmo, impassivel ; e, nesta occasião, o seu aspecto já não era o mesmo de mezes atrás. Ãs feições de *actor tragico*, que haviam produzido a minha particular antipathia pelo homem, estavam radicalmente transformadas pelo crescimento da barba, branca, longa e sedosa, que lhe cobria metade do peito.

Ã medida que o *Amozonas* se approximava da *Araguary*, o vulto de Barroso tomava maiores proporções.

Naquelle momento recrudescera o fogo inimigo, e o ribombar incessante dos canhões e os gritos dos feridos, abafavam as vozes de commando ; mas Barroso, ao passar rente ao meu navio, pela primeira vez sorriu-me, e levando o porta-voz á bocca, bradou em tom claro e firme :

« Siga nas minhas aguas, que a victoria é nossa ! »

Termino aqui as minhas impressões.

Barroso, por uma razão qualquer; talvez — quem sabe? — para cumprir um voto, nunca mais se barbeára desde a entrada nas aguas do Paraná.

Desta forma os sulcos das faces e a expressão voluntariósa dos labios desappareceram sob o espesso bigode e a longa barba, transformando-o em um ancião venerando e sympathico.

Ao vel-o assim, calmo e sorridente em meio da saraivada de balas, tive impetos de apertal-o em meus braços.

Através da atmosphera de fogo e fumo, a figura desse velho cuja barba fluctuava em niveos flócos açoitada pelo vento, parecia a meus olhos de moço enthusiasta, uma visão. O sorriso despreoccupado com que elle affrontava a morte, impavido e sereno, as semelhava-o aos semi-deuses fabulósos do polytheismo pagão.

Possuido de admiração sacudi no ar o meu bonet e saudei n'aquelle vulto o symbolo da verdadeira coragem !

E Barroso era, na vida intima, no conchego do lar, no estricto circulo de seus amigos — uma alma de justo, um homem bom e leal.

Bem haja, pois, o povo brasileiro, generoso e patriota, que representado por todas as classes sociaes accorreu em massa a prestar hoje a ultima homenagem ao heróe do dia 11 de Junho, o vencedor de Riachuelo !

1864
1837
24a

Pouco tempo após esta cerimonia falleceu o Almirante Elisiario Barbosa, que, em Riachuelo, commandava como 1º Tenente a canhoneira *Mearim*.

Dos 11 officiaes que exerceram commandos n'esse feito naval — só existo eu ! —

E hoje — 9 de Maio de 1910 — completo 73 annos de idade !...

Petropolis, 9 de Maio de 1910.

Villino Naïr — Rua Silva Jardim.

O ORADOR OFFICIAL

O UNICO SOBREVIVENTE
DOS NOVE COMMANDANTES
QUE SE BATERAM EM RIACHUELO



ALMIRANTE ANTONIO LUIZ VON HOONHOLTZ,
BARÃO DE TEFFÉ

REVISTA
DA
LIGA MARITIMA BRASILEIRA

ALMIRANTE ANTONIO LUIZ VON HOONHOLTZ;
BARÃO DE TEFFÉ;
GRANDE DO IMPERIO;
OFFICIAL DAS ORDENS IMPERIAES DO CRUZEIRO
E DA ROSA;
GRAN-CRUZ DA ORDEM DE S. BENTO DE AVIZ;
COMMENDADOR DA ORDEM REAL AMERICANA
DE ISABEL A CATHOLICA;
CONDECORADO COM AS MEDALHAS
DA CAMPANHA GERAL DO PARAGUAY,
DA BATALHA NAVAL DO RIACHUELO,
DOS VENCEDORES DE CORRIENTES E DO MERITO
MILITAR;
MEMBRO TITULAR DO INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAPHICO DO BRASIL;
EX-VICE-PRESID. DO INSTITUTO POLYTECHNICO;
MEMBRO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
COMMERCIAL DE PARIS;
MEMBRO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
DE LISBOA;
EX-VICE-PRESIDENTE DA SOCIEDADE
DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO;
MEMBRO DO CONSELHO DIRECTOR DA SOCIEDADE
DE IMMIGRAÇÃO;
EX-DIRECTOR GERAL DO SERVIÇO HYDROGRAPHICO
DO IMPERIO;
MEMBRO CORRESPONDENTE DAS ACADEMIAS
DE SCIENCIAS DE PARIZ E DE MADRID;
A REPUBLICA
FÈL-O MINISTRO PLENIPOTENCIARIO
DE 1ª CLASSE EM BRUXELLAS, ROMA E VIENNA.

ALMIRANTE TEFFÉ

Nos limitados moldes d'esta modesta homenagem, prestada pela sinceridade do nosso espirito ao venerando Almirante Barão de Teffé, não podemos expandir todo o nosso desvanecimento ante o vulto do eminente brasileiro, que se impõe á admiração e á gratidão da Patria como um dos mais abnegados apostolos do seu engrandecimento e das suas glorias; além do que, seria tarefa tão ardua quanto precarias as nossas expressões para devidamente fazel-o.

A sua grande reputação, como militar, como homem de sciencia e como homem de lettras, ha muito já que ultra-passou as nossas fronteiras.

Do livro de Alfred Marc, illustre membro da Sociedade de Geographia de Paris, intitulado « Un Explorateur Brésilien », coordenação resumida das biographias do grande Almirante, feitas por diversas publicações estrangeiras e pelo Diccionario Biographico Brasileiro, extrahimos alguns dados com os quaes vamos fazer pallido esboço de uma vida que resume um largo periodo de sacrificios e glorias; lamentando que no acanhado espaço de que podemos aqui dispor não caiba a transcripção do prefacio do livro de Alfred Marc, feito pelo illustre Almi-

rante Jurien de la Gravière, que, na justa apreciação da personalidade de Teffé, consagra ao nosso paiz referencias as mais enthusiasticas e honrosas.

O Militar. — Promovido a Guarda-Marinha em 1854, contando apenas dezesete annos de edade, foi Antonio Luiz von Hoonholtz escolhido pelo governo imperial para fazer parte de uma expedição scientifica ao Paraguay, tal fôra o brilho e notavel distincção com que havia completado o curso. Promovido a 2º Tenente em 1857, foi em seguida nomeado professor do 4º anno da Escola de Marinha, achando-se portanto, aos vinte e um annos, investido de uma commissão cuja grande responsabilidade era confiada á sua capacidade já então comprovada. N'esse caracter teve de seguir em missão scientifica para a Europa, de onde regressou trazendo dados para o seu trabalho sobre Hydrographia, o primeiro escripto no Brasil, acceito com honrosas referencias pela Escola de Marinha e mandado adoptar pelo governo imperial. Em 1865, quando mais energica tornava-se a acção da nossa esquadra contra o governo do Paraguay, foi von Hoonholtz nomeado commandante da canhoneira *Araguary*, onde firmou o seu alto valor, sua coragem excepcional, egual á dos capitães mais experimentados.

Sobre a gloriosa jornada do Riachuelo, eis o que diz com relação ao nosso biographado a notavel obra intitulada *Quadros historicos da guerra do Paraguay* : « Hoonholtz, admiravel de enthusiasmo e de bravura, revela sobre a *Araguary* qualidades de commando raras em um homem tão joven. Bate-se com denodo e vivacidade; mas, ao mesmo tempo que procura aniquilar o inimigo, soccorre os paraguayos que se debatem contra a corrente, lançando-lhes cabos com suas proprias mãos. Entre o banco da Palomera e a bateria de Riachuelo, o ponto mais estreito do canal, é Hoonholtz cercado por tres navios inimigos, entre os quaes o *Taquary*, navio-almirante, que d'elle se approxima a 10 braças para depois recuar ante a vivacidade do fogo dos tres grossos canhões de 68 da *Araguary*. »

Foi nesse mesmo combate que Hoonholtz, enfrentando intrepidamente o fogo das baterias, arrancou ao inimigo quatro chatas armadas com canhões de 68 e 80, fazendo prisioneiro o commandante Robles e mais de cincoenta paraguayos. O governo imperial, attendendo aos gloriosos feitos do intrepido commandante Hoonholtz, conferiu-lhe o titulo de Official do Cruzeiro, a ordem mais nobre do Imperio.

Nas ordens do dia da esquadra, o nome de

Hoonholtz figura entre os heróes dos brilhantes feitos de *Mercêdes*, *Cuevas*, *Passo da Patria* e *Itapirú*.

Promovido a Capitão-Tenente, assumio o commando da corveta *Vital de Oliveira* e mais tarde lhe foi confiado o commando do encouraçado *Bahia*, com o qual forçou as baterias do Timbó e de Tebiquary, glorias para a historia de nossa patria. Após a passagem das baterias de Tebiquary foi Hoonholtz promovido a Capitão de Fragata, tendo, até então, commandado em 22 combates.

O Homem de Sciencias. — Vejamos agora os traços que caracterisam o illustre Almirante como homem technico, sabio hydrographo e astronomo distincto. Antes da campanha do Paraguay, foi confiado ao então Tenente Hoonholtz o levantamento da planta da costa e ilha de Santa Catharina, e tão perfeitos foram os trabalhos apresentados que, após a campanha, foi elle nomeado pelo governo imperial chefe da commissão de demarcação dos limites do norte do Imperio. Só a leitura do relatorio e dos documentos referentes á essa missão póde dar uma ideia do que foi essa penosa jornada de dois mil kilometros atravéz das zonas do Alto Amazonas. Quanta audacia!... Que perseverante tenacidade!...

O Almirante Jurien de la Gravière, apreciando Teffé como explorador, diz : « Après les Brazza et les Stanley, voici un officier brésilien qui, pour son coup d'essai, trace à travers l'Amérique méridionale une percée de deux mille kilomètres. Il arrive à la source d'un des puissants affluents du plus grand fleuve peut-être qui soit au monde. Pour connaître les origines du Nil, César se déclarait prêt à laisser l'Univers à Pompée, *Bellum civile relinquam*. Les découvreurs, en effet, ne travaillent pas pour une nation; ils travaillent pour l'humanité. De tous les héros, ce sont ceux qui méritent, à coup sûr, le mieux qu'on les honore. »

Quando em 1873, surgiram graves difficuldades sobre a escolha do porto da provincia do Paraná que devia servir de entreposto maritimo da actual estrada de ferro de Paranaguá, foi á autoridade do Barão de Teffé que o governo confiou a resolução desse problema complexo.

Quando agitou-se a questão entre o nosso governo e a Companhia Nord-Américaine, relativa ás condições do porto do Maranhão, foi ainda aos serviços do Barão de Teffé que recorreu o governo, e graças a elles ficou plenamente provada a possibilidade de entrada de navios de grande calado na bahia de S. Marcos e perfeita-

mente estudados os portos da *Eira*, *Ilaqui* e da *Ilha do Medo*.

Sobre o saneamento da lagôa *Rodrigo de Freitas*, o Barão de Teffé, a pedido do governo, apresentou um projecto que, estudado pela Sociedade de Engenharia e confrontado com os demais apresentados, entre os quaes figurava o do distincto engenheiro Milnor Roberts, obteve a preferencia.

Escolhido pelo governo para exercer o cargo de chefe da commissão incumbida de observar a passagem de Venus pelo disco solar, conquistou para o nosso paiz os mais honrosos conceitos dos mais illustres astronomos do velho mundo então reunidos nas Antilhas; e o governo imperial, attendendo ao brilhante desempenho dessa importantissima missão, conferio ao Barão de Teffé a dignidade de GRANDE DO IMPERIO.

O Homem de lettras. — Como escriptor, o Barão de Teffé é de notavel fecundidade; possue uma imaginação encantadora e é verdadeiramente primorosa a linguagem com que descreve os bellos e variados quadros da natureza do nosso paiz. Entre os seus innumeros trabalhos litterarios destacaremos o drama maritimo — *Justiça de Deus* —, o romance — *A Corveta Diana* — considerado um primor da nossa litteratura e uma série de phantasias, memorias e

discursos publicados em jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras. Dos seus trabalhos scientificos fazemos especial menção das CONFERENCIAS SOBRE A AMERICA PREHISTORICA e da importantissima obra em dois volumes — *Exploração do Amazonas e seus affluentes*.

Durante o periodo de sua vida activa, foi o Barão de Teffé distinguido com titulos e honras; as condecorações que brilham no seu peito glorioso são capitulos da historia de uma vida de lutas: bravura, sacrificio, dedicação, tenacidade, perseverança e saber.

.....

A patria agradecida venera o seu nome.

(Editorial do nº 2. -- Anno 1º)

TYP. GARNIER, 8-11. — (LEVÉ-R.).

H 37-15 ?
Rara.
U$ 50-
Livraria e Padaria Espiritual 2.12.86
OS3483



